



# MEDITAÇÕES MATUTINAS 2019

EDITADO POR 



## **PAPA FRANCISCO**

### **MEDITAÇÕES MATUTINAS - 2019**

No conjunto de textos publicados na internet no portal "*vatican/va*" em «Meditações Matutinas» do Papa Francisco, inserem-se homilias pronunciadas pelo Santo Padre em diversas missas matutinas celebradas em 2019 na Casa Santa Marta.

No presente *epub* recolhem-se essas homilias, com início em 7 de Janeiro até 11 de Junho de 2019, perfazendo 21 meditações.

Textos obtidos a partir de  
*<https://www.vatican.va>*

## **A concretude do amor cristão**

Segunda-feira, 7 de janeiro de 2019)

*(Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 03 de 15 de janeiro de 2019)*

Precisamos da concreta «loucura apostólica dos santos» de todas as épocas — capazes de «queimar» a própria vida socorrendo os migrantes ou permanecendo entre os leprosos — para sermos realmente cristãos. Eis o conselho prático sugerido pelo Papa na primeira homilia de 2019.

«O apóstolo João — frisou imediatamente o Pontífice, referindo-se à leitura litúrgica (1 Jo 3, 22-4, 6) — na primeira carta aos cristãos apresenta-nos um bonito desafio: que recebamos de Deus tudo o que pedimos, contanto que observemos os seus mandamentos e façamos o que for do seu agrado». E isto significa, explicou Francisco, que «o acesso a Deus é aberto, a porta está aberta e a chave é esta: observar os seus mandamentos e fazer o que lhe agrada».

E «o seu mandamento, o primeiro, o fundamento da nossa fé», afirmou o Papa, é «que acreditemos no nome do seu Filho Jesus Cristo e nos amemos uns aos outros: estas duas coisas». Por isso, insistiu, «se crermos em Jesus Cristo e nos amarmos uns aos outros, abre-se a porta a Deus, o acesso abre-se e podemos pedir o que quisermos, com coragem, diria até “descaradamente”, com coragem, mas contanto que façamos estas duas coisas».

Para crer em Jesus Cristo não é suficiente dizer: «Sim, padre, creio em Jesus Cristo, fito o crucifixo e nele vejo o Filho de Deus». Na realidade, explicou o Pontífice, «João vai além» e diz: significa «crer que Deus, o Filho de Deus veio na carne e se fez um de nós». Precisamente «esta é a fé em Jesus Cristo: um Jesus Cristo, um Deus concreto, que foi concebido no seio de Maria, nasceu em Belém, cresceu como criança, fugiu para o Egito, voltou para Nazaré e com o seu pai aprendeu a ler, a trabalhar, a ir em frente e depois a pregar».

Foi sobre a concretude que o Pontífice insistiu: «Concreto, um homem concreto, um homem que é Deus mas homem. Não é Deus disfarçado de homem, não. Homem, Deus que se fez homem. A carne de Cristo. Tal é a realidade do primeiro mandamento».

Também o segundo mandamento, observou Francisco, «é concreto: amar, amar-nos uns aos outros, amor concreto, não amor de fantasia», que talvez me leve a dizer: «Amo-te, quanto te amo!» mas depois, «com a minha língua destruo-te com as bisbilhotices: não, isto não!».

O amor é «concreto», repetiu o Papa. E «os mandamentos de Deus são concretos», porque «o critério do Cristianismo é a concretude, não as ideias nem as palavras boas». Portanto, o desafio consiste na «concretude: se observarmos estes dois mandamentos, permaneceremos em Deus, a nossa vida será em Deus e Ele estará em nós». Exatamente «este é o fundamento daquilo que o apóstolo João explica».

«João é um apaixonado pela encarnação de Deus», observou o Papa recordando que no prólogo do seu Evangelho diz: «E o Verbo fez-se carne». Portanto, João é realmente «um apaixonado, porque entendeu o mistério de Jesus». E foi precisamente «a sua amizade com Jesus que o fez entender isto». Depois João «continua — afirmou Francisco — mas estes são os dois mandamentos concretos».

Na sua primeira carta, João escreve: «Não deis fé a todos os espíritos — ou seja, a qualquer inspiração e opinião — mas ponde-os à prova». E isto significa, explicou Francisco, que «quando te surgir uma ideia sobre Jesus, sobre as pessoas, sobre o que fazer, sobre o pensamento de que a redenção vai por aquele caminho, põe à prova tal inspiração». De resto, «a vida do cristão é concretude na fé em Jesus Cristo e na caridade, mas é também vigilância espiritual, porque te surgem sempre ideias ou falsos profetas que te propõem um Cristo “soft”, sem muita carne, e o amor ao próximo é um pouco relativo». Assim, acabamos por dizer: «Sim, estes estão do meu lado, mas aqueles não».

Contudo, alertou o Pontífice, «quando estas derivas começam a insinuar-se, afastemo-nos». E é «por isso» que «a atitude do cristão» deve pôr em primeiro lugar «a fé: Cristo veio na carne e a fé está no grande mandamento, no amor concreto». Em segundo lugar, é preciso «prestar atenção e discernir o que acontece». E assim, sugeriu, é oportuno discernir se «me veio à mente fazer» algo. E «discerni-lo com esta grande verdade: a encarnação do Verbo e o amor concreto». Eis o conselho de João na sua carta: «Ponde à prova os espíritos — ou seja, a inspiração — para averiguar se provêm verdadeiramente de Deus, porque no mundo se levantaram muitos falsos profetas».

O Papa não deixou de alertar contra o «diabo, que procura afastar-nos sempre de Jesus, da nossa permanência em Jesus». Por isso, «a vigilância espiritual» é importante. «No final do dia o cristão — sugeriu Francisco — deve refletir dois, três, cinco minutos e dizer: “Mas o que aconteceu no meu coração hoje?”». Deve averiguar consigo mesmo não tanto se cometeu «um pecado ou outro, pois isto diz respeito ao sacramento da reconciliação», mas «o que aconteceu» no seu coração, «que inspiração teve, que vontade de fazer algo». As perguntas a fazer a si mesmo, acrescentou o Pontífice, são: «Isto significa permanecer no Senhor? É segundo o espírito do Senhor?». Sem dúvida, às «vezes alguém pode dizer: “Mas o que me veio à mente é uma loucura”; contudo, talvez seja uma “loucura” do Senhor».

«Hoje entre vós — confidenciou o Papa — está um homem que deixou a Itália há mais de quarenta anos para ser missionário entre os leprosos no Brasil. É porventura um “louco”? É um louco porque foi viver com os leprosos e queimar a sua vida, mas quem o impeliu a fazer isto?». A resposta é «o Espírito do Senhor, porque às vezes o Espírito nos leva às “loucuras”, mas às grandes “loucuras” de Deus!».

Nesta perspetiva, disse o Pontífice, não devemos «ter medo, mas discernir: o que acontece comigo». E quem «ajuda a discernir» é «o povo de Deus, a Igreja, a unanimidade da Igreja, o irmão, a irmã, que têm o carisma de nos ajudar a ver com clareza». Por isso, prosseguiu Francisco, «para o cristão é importante o diálogo espiritual com pessoas que têm autoridade espiritual: não é necessário ir ter com o Papa nem com o bispo

para ver se o que sinto é bom: há muita gente, sacerdotes, religiosas e leigos que têm a capacidade de nos ajudar a ver o que acontece no nosso espírito, para não errar».

O próprio Jesus, afirmou o Pontífice, «teve que fazer isto no início da vida, quando o diabo o visitou no deserto e lhe propôs três situações que não estavam em conformidade com o espírito de Deus, e Ele afastou o diabo com a palavra de Deus». Então, «se isto aconteceu com Jesus, imaginemos connosco! Mas não devemos ter medo». A pergunta a fazer é: «Esta ideia, este sentimento, esta vontade é de Deus? E como reajo?». A resposta está sempre na «concretude». E ainda: «Isto leva-me a crer que Deus veio na carne, em Jesus Cristo? Isto leva-me a amar mais os irmãos?». Se a resposta for «sim», significa que «é de Deus». Mas se, ao contrário, a resposta for «não», quer dizer que «não é do Senhor: é um falso profeta».

De resto, prosseguiu Francisco, «até no tempo de Jesus havia pessoas de boa vontade mas que pensavam que o caminho de Deus fosse outro. Por exemplo, os fariseus, os saduceus, os essênios ou os zelotes: todos tinham a lei na mão, mas nem sempre empreenderam os melhores caminhos». Na realidade — sugeriu o Santo Padre — é contudo necessária «a mansidão da obediência. Por isso, o povo de Deus vai sempre em frente de modo concreto: na concretude da caridade, da fé e da Igreja; e este é o sentido da disciplina da Igreja».

Com efeito, explicou o Pontífice, «quando a disciplina da Igreja vive nesta concretude, ajuda a crescer, evitando as filosofias dos fariseus ou dos saduceus, que levam à casuística» e não deixam «crescer espiritualmente». Portanto, reiterou o Papa, «o sentido é este: a concretude, ser concreto, porque Deus se fez concreto, nasceu de uma mulher concreta, levou uma vida concreta, morreu de uma morte concreta e pede-nos que amemos irmãos e irmãs concretos». Com a consciência de que «alguns não são fáceis de amar!».

«Também me ajuda — confidenciou Francisco — quando vejo que alguém não é fácil de amar, e pergunto-me: mas sou fácil de ser amado por este, aquele, aquele outro? E paro aqui, porque se continuar ficarei

vermelho de vergonha». Então é preciso «concretude, discernimento e obediência à Igreja, ao povo de Deus que é encarnado».

«Não nos esqueçamos — recomendou Francisco — duas grandes verdades do Cristianismo: o Verbo veio na carne» e «devemos amar-nos uns aos outros, concretamente». Sem dúvida, reconheceu, «há também propostas que não são tão concretas e nos fazem sonhar ou ir para outro mundo: é um pouco como quando alguém bebe dois copos a mais e vai para outro mundo, crê numa fantasia». Mas, precisamente, «trata-se de fantasias».

«A pedra de toque é a concretude», repetiu o Papa, concluindo a homilia. É «a concretude para permanecer em Deus com estes dois mandamentos no povo de Deus, na Igreja e na disciplina da Igreja». E «os santos agiram assim e por isso fizeram muitas “loucuras”, loucuras apostólicas: lede, por exemplo — propôs — a vida de madre Cabrini, o que fez esta mulher! Sempre em viagem, para cuidar dos migrantes; e cito o nome dela mencionando o primeiro que me veio à mente, mas há muitos, muitos!». Porque «os santos são os “loucos”, os loucos da concretude: eles nos ajudem — auspiciou — a caminhar nesta concretude e a discernir bem o que fazer».

## **Não à cultura da indiferença**

Terça-feira, 8 de janeiro de 2019)

*(Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 03 de 15 de janeiro de 2019)*

Francisco alertou contra a «cultura da indiferença», exortando a favorecer «o primeiro passo que Deus sempre dá rumo a nós» e a prestar atenção às necessidades das pessoas, sobretudo das mais pobres, «sem nunca nos virarmos para o outro lado».

No início da celebração o Pontífice quis oferecer a missa «pelo eterno repouso de sua excelência D. Giorgio Zur, ex-núncio apostólico na Áustria, arcebispo titular de Sesta, que morou em Santa Marta, falecido ontem à meia-noite».

«A primeira carta de São João Apóstolo está centrada no amor: é uma exortação ao amor», afirmou o Papa referindo-se ao trecho hodierno proposto pela liturgia (1 Jo 4, 7-10): «Caríssimos, amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus». Portanto, o amor — reiterou Francisco — «vem de Deus». Mas esta «palavra “amor” — evidenciou — muitas vezes é usada superficialmente: até uma telenovela venezuelana fala de amor, dizendo: “ah, que bonito o amor! Tudo é amor”».

Por sua vez, prosseguiu o Pontífice, «João vai um pouco além para explicar o que é o amor: “Nisto se manifestou o amor de Deus para conosco: em ter enviado ao mundo o seu Filho único, para que vivamos por Ele”». Por conseguinte, «não fomos nós a amar a Deus mas foi Ele que nos amou».

É precisamente «este — afirmou o Papa — o mistério do amor: Deus amou-nos em primeiro lugar, amou-nos primeiro, deu o primeiro passo e disto vem o amor». Deu «este primeiro passo em direção a cada um de nós, à humanidade que não sabe amar, tem necessidade das carícias de Deus para amar, do ensinamento de Deus para amar, do testemunho de Deus». E «este primeiro passo que Deus deu é o seu Filho: enviou-o para nos salvar e

dar um sentido à vida, para nos renovar e nos recriar». É exatamente «este o amor: é o primeiro passo» e «Deus dá sempre o primeiro passo: Deus ama-nos primeiro».

«Para compreender bem isto — sugeriu Francisco, referindo-se ao excerto evangélico de Marcos (6, 34-44) — podemos considerar o trecho do Evangelho que acabámos de ler, e nele encontramos uma palavra que explica tudo». Portanto «por que Deus fez isto? Por “compaixão”». De facto, lê-se no Evangelho: “Ao desembarcar, Jesus viu uma grande multidão e compadeceu-se dela, porque eram como ovelhas sem pastor”.

Eis que, explicou o Pontífice, «o coração de Deus, o coração de Jesus comoveu-se e viu aquelas pessoas, e não pôde permanecer indiferente: o amor é inquieto, o amor não tolera a indiferença, o amor sente compaixão». Mas a compaixão, recordou Francisco, «significa pôr o coração em jogo, quer dizer misericórdia» e assim «orientar o próprio coração para os outros: o amor é isto». Portanto, «o amor é pôr o coração em jogo para os outros e — diz o Evangelho — “Jesus pôs-se a ensinar-lhes muitas coisas”».

«Havia os discípulos — prosseguiu o Papa — que começaram a ouvir Jesus e depois, certamente, aborreciam-se porque Jesus dizia sempre as mesmas coisas: “Mas nós já sabemos isto”. E talvez, penso, começavam a falar entre eles, não sei, sobre futebol, sobre outro assunto, sobre as questões do momento». Assim enquanto «Jesus “ensinava”, com amor, com compaixão», eis que «os discípulos olhavam para o relógio e diziam “é tarde...”».

Com efeito, explicou Francisco, o Evangelho continua com estas palavras: “A hora já estava bem avançada quando se achegaram a Ele os seus discípulos e disseram: “Este lugar é deserto, e já é tarde. Despede-os, para irem aos sítios e aldeias vizinhas a comprar algum alimento”». Efetivamente, observou Francisco, «era tarde, começava a escurecer, o lugar era deserto, tinham fome» e não teria sido fácil ir «pelos campos: naquele tempo não havia iluminação pelas estradas, era tudo escuro». Como dizer: «que se arranjem e comprem o pão; mas nós estamos garantidos»,

porque «eles sabiam que tinham pão e queriam conservá-lo: é a indiferença».

«Aos discípulos não interessavam as pessoas: interessava Jesus, porque o amavam — afirmou o Pontífice — e não eram malvados: eram indiferentes, não sabiam o que era o amor, não sabiam o que era a compaixão, o que era a indiferença». Eles «tiveram que pecar, trair o Mestre, abandonar o Mestre, para entender o fulcro da compaixão e da misericórdia». Mas «a resposta de Jesus é pungente: “Dai-lhes vós mesmos de comer”». O que significa: «cuidai deles». Precisamente «esta é a luta entre a compaixão de Jesus e a indiferença, a indiferença que se repete sempre na história, sempre: tantas pessoas que são boas mas não entendem as necessidades alheias, não são capazes de compaixão». E no entanto «são pessoas boas» mas, acrescentou Francisco, «talvez o amor de Deus não tenha entrado no seu coração ou não o tenham deixado entrar».

A propósito o Papa confidenciou: «Vem-me à mente uma fotografia que está na Esmolaria: uma foto espontânea tirada por um bom rapaz romano que depois a ofereceu à Esmolaria. Noite — noite de inverno, via-se pelo modo de vestir das pessoas, os casacos de pele — saíam de um restaurante pessoas bem agasalhadas com casacos de pele. Satisfeitas — tinham comido, estavam com amigos: isto é bom — e ali estava um desabrigado, no chão, e o fotógrafo foi capaz de capturar o momento em que as pessoas olham para o outro lado, para que os olhares não se cruzassem». Nesta imagem, insistiu Francisco, há «a cultura da indiferença» e «foi o que fizeram os apóstolos» sugerindo a Jesus: “Despede-os, para irem aos sítios e aldeias vizinhas a comprar algum alimento”, que se arranjem: é um problema deles»; dado que «nós temos cinco pães e dois peixes para nós».

«O amor de Deus move-se sempre primeiro» repetiu o Pontífice. Pois «é amor de compaixão, de misericórdia: dá o primeiro passo, sempre». E «é verdade que o oposto do amor é o ódio, mas muitas pessoas não têm um ódio consciente». Ao contrário «o oposto mais frequente ao amor de Deus, à compaixão de Deus, é a indiferença», a que leva a dizer: «estou satisfeito, nada me falta. Tenho tudo, garanti esta vida, e inclusive a eterna, porque

vou à missa todos os domingos, sou um bom cristão. Mas, saindo do restaurante, olho para o outro lado».

Concluindo a homilia, o Papa convidou a pensar neste «Deus que dá o primeiro passo, que sente compaixão, que tem misericórdia». Mas «muitas vezes a nossa atitude é a indiferença». E então, exortou, «rezemos ao Senhor para que cure a humanidade, começando por nós: que o meu coração sare desta doença, ou seja, a cultura da indiferença».

No final, o Papa quis «transmitir uma cordial saudação a Kiko Argüello no dia do seu octogésimo aniversário, agradecendo-lhe o zelo apostólico com o qual trabalha na Igreja».

## Caramelos de mel

Quinta-feira, 10 de janeiro de 2019)

*(Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 04 de 22 de janeiro de 2019)*

Rezar pelo próximo, inclusive «por aquela pessoa que me é antipática»; não alimentar «sentimentos de ciúmes nem de inveja»; e, sobretudo, evitar a bisbilhotice, porque os mexericos são como os caramelos de mel, «que até são bons», mas depois fazem mal ao estômago. Eis os três “sinais” indicados pelo Papa para discernir a capacidade que uma pessoa tem de amar os outros e, por conseguinte, amar a Deus.

Como de costume, o Pontífice inspirou-se para a sua reflexão na liturgia da palavra, privilegiando na circunstância hodierna a primeira leitura, tirada da primeira carta de São João apóstolo (4, 19-5, 4) em que o autor «fala de mundanidade, do espírito do mundo», dizendo «que “aqueles que são gerados por Deus, são capazes de vencer o mundo”. É a luta de todos os dias — comentou o Papa — a luta contra a mundanidade, o espírito do mundo». Com efeito, acrescentou, «o espírito do mundo é mentiroso, é um espírito de aparências, sem consistência, não é verídico» ao passo que «o Espírito de Deus é autêntico. Mais ainda: «o espírito do mundo — prosseguiu com imagens fortemente evocativas — é o espírito da vaidade, das coisas que não têm força, que não têm fundamento e que são caducas». Com efeito, o espírito do mundo pode oferecer somente «mentiras, coisas sem força».

E a este propósito Francisco propôs um exemplo tirado da vida diária. «Durante o carnaval —recordou — é tradição oferecer como doces as panquecas: vós todos as conheceis. Há algumas, em dialeto, que se chamam “mentiras”: são redondas», mas não “consistentes”, porque “dentro estão vazias”. E também «o espírito do mundo é assim: vazio. Não serve. Esvazia-se. Mas entretanto luta» e «engana porque é o espírito da falsidade; é o filho do pai da mentira». Ao contrário, observou o Pontífice, «o apóstolo tem o Espírito de Deus e indica, a nós, o caminho da concretude

do Espírito de Deus». Aliás, «o Espírito de Deus é sempre concreto: não se baseia nas fantasias, não. É concreto. Deve-se fazer isso, e faz. O dizer e o fazer, no Espírito de Deus, é o mesmo»; afinal são a mesma coisa: «é uma palavra que “faz”, e se tiveres o Espírito de Deus, farás. Farás sempre as coisas, as coisas boas», garantiu o Papa.

Nesta ótica feita de «concretude — explicou o Pontífice — João diz uma coisa muito cotidiana», talvez até óbvia, a ponto «que a pode dizer também a velhota, nossa vizinha». Precisamente, algo «quotidiano», ou seja, «Quem não ama o seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê». Com efeito, esclareceu Francisco, «se não fores capaz de amar algo que vêes, como podes amar algo que não vêes? Esta é a fantasia: ama o que vêes, que podes tocar, que é real. E não as fantasias que não vêes. “Oh, eu amo a Deus!” — sim, mas tenta: procura amá-lo nele. Se não fores capaz de amar a Deus concretamente, não é verdade que amas a Deus». Também porque «o espírito do mundo é um espírito de divisão e quando interfere na família, na comunidade, na sociedade cria sempre divisões: sempre. E as divisões aumentam» gerando «o ódio e a guerra».

Portanto, voltando ao trecho de João o Papa evidenciou que o apóstolo vai além quando afirma: «Se alguém disser “eu amo a Deus” e odeia o seu irmão, é um mentiroso», ou seja — frisou Francisco por sua vez — «é um filho do espírito do mundo, que é pura mentira, pura aparência».

Por conseguinte, o Santo Padre convidou ao aprofundamento. «Trata-se de algo sobre o qual nos fará bem refletir: — exortou o Papa — será que eu amo a Deus? Mas, consideremos a pedra de toque e vejamos como amas o teu irmão: vejamos como o amas». E quais podem ser «os sinais que demonstram que eu não amo o meu irmão? Como posso dar-me conta que não amo o meu irmão? Sorrio, sim... Mas, podemos sorrir de várias formas, não é? Também no circo os palhaços sorriem e muitas vezes choram, no coração».

Eis então a necessidade da pergunta «como posso compreender se amo o meu irmão?». E na resposta Francisco abordou «dois-três pontos que nos podem ajudar. Antes de tudo: rezo pelo meu irmão? Rezo pelo próximo?

Rezo por aquela pessoa que me é antipática e que, estou ciente, não me ama? Rezo por aquela pessoa? Primeiro: se eu não rezar, não é um bom sinal; significa que não amo. Mas, rezar inclusive por aquele que me odeia? Sim, também por ele. Rezar também pelo meu inimigo? Sim, por ele: Jesus disse-o explicitamente. O primeiro sinal; trata-se de uma pergunta que todos devemos fazer: rezo pelas pessoas? Por todas, concretas: as que me são simpáticas e as que são antipáticas, as que são amigas e as que são inimigas. Primeiro». Ao passo que «o segundo sinal: quando me sinto tomado por sentimentos de ciúmes, de inveja e tenho a vontade de lhe desejar mal ou não... é um sinal que eu não amo. Pára. Não alimentes estes sentimentos: são perigosos. Não deixes que eles cresçam». Por fim, «o sinal mais quotidiano que demonstra que não amo o próximo e que, portanto, não posso dizer que amo a Deus, é o mexerico». Com uma recomendação: «tenhamos claramente no coração e na cabeça: se eu fizer mexericos, não amo a Deus porque com as bisbilhotices estou a destruir aquela pessoa. As bisbilhotices são como os caramelos de mel, que são bons, mas não consegues parar e depois fazem mal ao estômago, com muitos caramelos... Pois é bom, é “doce” bisbilhotar, parece algo bom; mas destrói. E este sinal indica que não amas».

Portanto, encaminhando-se para a conclusão da homilia, o Papa sugeriu: «Cada um medite no seu coração. Será que rezo, por todos, também pelos antipáticos e por todos aqueles que, estou ciente, não me amam? Tenho sentimentos de inveja, de ciúmes, desejo-lhe mal? E terceiro, o mais claro: sou um mexeriqueiro, uma bisbilhoteira? Se uma pessoa deixar de bisbilhotar na sua vida, diria que está muito próxima de Deus: muito próxima. Pois não mexericar preserva o próximo, custodia Deus no próximo».

Em síntese, reafirmou o Pontífice, «o espírito do mundo vence-se com este espírito de fé: acreditar que Deus está no meu irmão, na minha irmã. A vitória que venceu o mundo é a nossa fé. Somente com muita fé é possível percorrer este caminho, não com pensamentos humanos de bom senso... não são suficientes, ajudam, mas não são suficientes para esta luta». Porque «só a fé nos dará a força para não bisbilhotar, para rezar por todos, inclusive pelos inimigos e para não alimentar sentimentos de ciúmes e de inveja».

Afinal de contas, concluiu Francisco, «o Senhor, com este trecho da primeira carta de São João apóstolo pede-nos concretude, no amor. Amar a Deus: mas se não amares o irmão, não podes amar a Deus. E se afirmares que amas teu irmão, mas na verdade não o amas, o odeias, és um mentiroso».

## O estilo das Bem-Aventuranças

Segunda-feira, 21 de janeiro de 2019)

*(Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 06 de 5 de fevereiro de 2019)*

Podemos acreditar que somos bons católicos, mas sem nos comportarmos como bons cristãos: foi contra o estilo «acusatório, mundano e egoísta» que o Papa alertou na missa celebrada em Santa Marta, indicando ao contrário o estilo das Bem-Aventuranças para poder realmente «recitar com o coração o Credo e o Pai-Nosso».

«Este trecho do Evangelho começa com um conflito», frisou o Pontífice, referindo-se ao Evangelho de Marcos (2, 18-22). «Os discípulos de João e os fariseus — realçou — jejuavam, e os apóstolos não». E «os primeiros escandalizam-se um pouco: por que não jejuam?». A esta pergunta Jesus responde «de modo um pouco confuso, com algo novo: há o esposo, a festa, uma nova alegria, neste momento devemos alegrar-nos com esta novidade, pois virão dias em que todos teremos que jejuar, quando nos tirarem o esposo». Mas eles «não entenderam».

Na realidade, explicou o Papa, «também nós não entendemos o que o Senhor quer dizer com isto». A ponto que, disse dirigindo-se aos presentes, «se agora eu fizesse esta pergunta, muitos de vós teríeis dificuldade em responder». Francisco sugeriu que «a palavra-chave está no fim do trecho: “Vinho novo em odres novos!”». Em síntese, segundo Jesus «não só a pregação do Evangelho é um vinho novo, não só isto, mas também exige de nós um novo comportamento, um novo estilo».

A tal propósito, é oportuno fazer a seguinte «pergunta: no que consiste o novo estilo, o estilo cristão?». De resto, afirmou o Pontífice, «no início dos tempos dos apóstolos houve um debate: alguns queriam que os convertidos passassem primeiro pelos ritos hebreus, judeus e depois se tornassem cristãos». Mas, ao contrário, «não: “vinho novo, odres novos” é o estilo cristão».

«Para entender no que consiste o estilo cristão», prosseguiu, é «melhor refletir sobre as nossas atitudes que não são de um estilo cristão, e depois podemos ver». Além disso, observou o Papa, são atitudes «não só nossas», pois «no tempo de Jesus já havia estas atitudes». E, acrescentou, «só citarei três: o estilo acusatório, o estilo mundano e o estilo egoísta».

«O estilo acusatório — afirmou o Pontífice — é o estilo dos crentes que procuram sempre acusar o próximo, vivem acusando: “Não, mas isto, isso, não, aquele não está certo, ele era um bom católico” e sempre desqualificam os outros».

É «um estilo — diria — de promotores de justiça falhados: procuram sempre acusar o próximo», comentou o Papa. Mas agindo assim «não se dão conta de que é o estilo do diabo: na Bíblia o diabo é chamado o “grande acusador”, acusa sempre os outros. E esta é uma moda entre nós». Na realidade, «também Jesus repreende aqueles que acusavam: em vez de ver o cisco no olho do próximo, vê a trave nos teus, olha dentro de ti. Também tu és ou sabes». O mesmo acontece quando ao Senhor «trouxeram aquela mulher apanhada em adultério e querem apedrejá-la: é justo, podemos fazê-lo?». E Jesus responde: «Quem não cometeu pecado algum lance a primeira pedra. O Evangelho diz que todos, a começar pelos mais velhos, foram embora em silêncio».

«Nós — acrescentou Francisco — temos mais: Jesus repreende estes acusadores», mas «há muitos católicos que dizem: “Sou católico” — “Porquê?” — “Recito o Credo, creio em tudo, sou católico”. Mas não tens o estilo cristão, talvez te julgues um bom católico, mas és um mau cristão, porque só tens o vinho e não os odres, não o estilo». Sem dúvida, «viver acusando o próximo, procurando os defeitos, não é cristão».

Há ainda, afirmou o Pontífice, «o estilo mundano: também Jesus fala disto e repreende muito o espírito do mundo, o estilo do mundo, e na última Ceia inclusive reza ao Pai pelos seus discípulos: não os tires do mundo, mas defende-os do espírito do mundo».

A tal propósito, Francisco recordou que «existem católicos mundanos; sim, podem recitar o Credo, mas o seu estilo é do mundo, não cristão: vaidade, soberba, apegados ao dinheiro, julgando-se autossuficientes». Talvez, insistiu, «te julgues um bom católico porque podes recitar o Credo, mas não és um bom cristão, és mundano: o Senhor ofereceu-te o vinho novo, mas tu não mudaste os odres, não os mudaste».

«A mundanidade arruína muitas pessoas», reiterou o Papa. Até «pessoas boas entram neste espírito da vaidade, da soberba, do aparecer: não há humildade, mas a humildade faz parte do estilo cristão». Por isso «devemos aprendê-la de Jesus, de Nossa Senhora, de São José: eram humildes».

«Finalmente, há um terceiro estilo não cristão que se vê também nas nossas comunidades: o estilo egoísta», concluiu Francisco. E «é João que o indica: se alguém disser que ama a Deus, a quem não vê, e não amar o seu próximo, o seu irmão, a quem vê, é um mentiroso». E «o que diz é claro: é o espírito egoísta, olho para mim, julgo-me um bom católico, ajo sem me preocupar com os problemas dos outros; não me preocupo com as guerras, com as doenças, com as pessoas que sofrem, nem com o meu próximo. Não, sou indiferente, ou seja, tenho o espírito da indiferença, e este estilo não é cristão».

«Talvez te consideres um bom católico, mas és um mau cristão», afirmou. Porque «podemos julgar-nos bons católicos sem sermos cristãos: sim, Jesus dizia isto aos doutores da lei». E «a hipocrisia ajuda-nos, ajuda muitas pessoas, às vezes também nos ajuda a ser bons católicos, mas maus cristãos: hipócritas, “vinho novo, odres novos”».

«Mas alguns acham — também nós, muitas vezes — que são bons católicos, porque podem recitar o Credo», insistiu o Papa. Mas «qual é o estilo cristão? O estilo cristão consiste nas Bem-Aventuranças: mansidão, humildade, paciência nos sofrimentos, amor pela justiça, capacidade de suportar as perseguições, não julgar o próximo». Eis «o espírito cristão, o estilo cristão: se quiseres saber como é o estilo cristão — para não cair neste estilo acusatório, no estilo mundano, no estilo egoísta — lê as Bem-Aventuranças». Este «é o nosso estilo, as Bem-Aventuranças são os odres

novos, o caminho a percorrer: para ser um bom cristão é preciso ter a capacidade de recitar o Credo com o coração, mas também de rezar o Pai-Nosso com o coração».

## O sacerdote da alegria

Quinta-feira, 31 de janeiro de 2019)

*(Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 07 de 12 de fevereiro de 2019)*

Como se reconhece um sacerdote fiel à sua vocação? Da «alegria» que sente dentro e que leva ao povo. Um presbítero que «não é um funcionário», mas é capaz de entrar na realidade de todos os dias encarando-a quer «com os olhos de Deus» quer com «os olhos do homem». Tendo como referência o exemplo de São João Bosco, o Papa sugeriu características fundamentais que se deveriam encontrar em cada sacerdote.

A reflexão do Pontífice teve início precisamente num episódio da vida do santo de Valdocco: «no dia da sua ordenação a mãe dissera-lhe: “Serás sacerdote, começarás a sofrer”». Uma frase vigorosa, quase enigmática. «O que quisera dizer aquela senhora humilde, camponesa, que não estudou na faculdade de teologia?». Certamente, a intenção da mãe Margarida era «evidenciar uma realidade», mas com o objetivo também de «chamar a atenção do filho», de o alertar, porque se na vida «ele se apercebesse de que não havia sofrimento» teria sido o sinal de que «algo não corria bem». Trata-se, explicou o Papa, da «profecia de uma mãe», de uma mulher simples «e com o coração cheio do Espírito».

Uma questão que o Pontífice reapresentou como provocação atual. «Penso: por que um sacerdote tem que sofrer? Ou por que quando começa o seu ministério, o sofrimento é um sinal de que corre bem?». Certamente, não significa que o sacerdote seja um «faquir». A resposta está na escolha de vida atuada precisamente por Dom Bosco que, recordou Francisco, «teve a coragem de olhar para a realidade com os olhos de homem e com os olhos de Deus». Entrou plenamente na realidade na qual se encontrava abraçando todas as suas dificuldades e vivendo todos os sofrimentos que derivavam dela. Ele olhou ao seu redor «naquela época maçónica, anticlerical, de uma aristocracia fechada, onde os pobres eram realmente pobres, o descarte», e «viu nas ruas aqueles jovens e disse: “Não pode ser!”». Isto é, Dom Bosco

«viu com os olhos de um homem que é irmão e pai, e disse: “Não, isto não pode acontecer! Talvez estes jovens acabem por encontrar Cafasso [José Cafasso, sacerdote que dava conforto aos condenados à forca] ou na forca... não, não pode acontecer assim” e comoveu-se como homem, e como homem começou a pensar em sair para fazer crescer os jovens, para os fazer amadurecer. Caminhos humanos».

Olhos de homem, mas não só. Dom Bosco teve «a coragem de olhar com os olhos de Deus e ir ter com Deus e dizer: “Mas, mostrai-me isto... é uma injustiça... como se faz diante disto... Vós criastes estas pessoas para uma plenitude e eles são uma verdadeira tragédia...”».

E deste modo «olhando a realidade com amor de pai — pai e mestre, diz a liturgia de hoje — e fitando Deus com os olhos de mendigo que pede um pouco de luz, começa a ir em frente». Eis então a resposta sobre a identidade do sacerdote: «ele deve ser estas duas polaridades. Olhar para a realidade com olhos de homem, e com olhos de Deus». Isto significa, acrescentou o Papa, «muito tempo diante do tabernáculo».

Esta dúplice capacidade de olhar, continuou o Pontífice recordando o testemunho do fundador dos salesianos, «fez-lhe ver o caminho». De facto, Dom Bosco não foi apenas ter com os jovens com o Catecismo e o Crucifixo dizendo: «fazei isto...» e ensinando preceitos. Se tivesse feito desta forma, «os jovens teriam dito: “Boa noite, vemo-nos amanhã”». Ao contrário, «aproximou-se deles, com a vivacidade deles. Fez com que eles jogassem, uniu-os em grupo e como irmãos... foi, caminhou, sentiu, viu, chorou com eles e levou-os em frente assim». É este «o sacerdote que olha humanamente para as pessoas, que está sempre disponível».

Ainda hoje às vezes os fiéis ouvem dizer: «O sacerdote recebe só das 15 às 17h30». Mas «tu não és um empregado, um funcionário. Já temos tantos funcionários, competentes, que desempenham o seu ofício, como devem fazer os funcionários. Mas o presbítero não é um funcionário, não o pode ser». E o Papa exortou idealmente cada sacerdote: «Vê com olhos de homem e chegará até ti aquele sentimento, a sabedoria de compreender que

são os teus filhos, os teus irmãos. E depois, ter a coragem de ir à luta: o sacerdote é alguém que luta com Deus».

Com efeito «existe o risco de considerar demasiado o humano e nada o divino, ou demasiado o divino e nada o humano: mas se não arriscarmos, na vida, nada faremos...». Na vida acontece que: «Um pai arrisca pelo filho, um irmão por um irmão quando há amor...». E às vezes isto pode provocar «sofrimento» porque «começam as perseguições, as bisbilhotices... “Ah, este sacerdote, ali na rua, com as crianças, com os jovens, e estes jovens mal-educados que com a bola quebram os vidros da minha janela... tudo bisbilhotices».

Mas o caminho correto é indicado por Dom Bosco. «Hoje gostaria de dar graças a Deus por nos ter concedido este homem, que desde menino começou a trabalhar: sabia o que significa ganhar o pão de cada dia; este homem que compreendeu o que é a piedade, a verdade autêntica, este homem que recebeu de Deus um grande coração de pai, de mestre».

Um exemplo que ofereceu ao Pontífice outra indicação preciosa e decisiva: «Qual é o sinal de que um sacerdote está no caminho certo», que «está a encarar a realidade com os olhos de homem e com os olhos de Deus? A alegria». E, advertiu, «quando um sacerdote não encontra alegria dentro de si, deve parar imediatamente e perguntar-se porquê». De resto, precisamente Dom Bosco era «o mestre da alegria: fazia felizes os outros e ele mesmo vivia sempre feliz. E também sofria». Portanto, concluiu o Papa, «peçamos ao Senhor, por intercessão de Dom Bosco, hoje, a graça de que os nossos sacerdotes sejam alegres: alegres porque conhecem o verdadeiro sentido de encarar os aspetos da pastoral, o povo de Deus com olhos de homem e com olhos de Deus».

## Memória e esperança

Sexta-feira, 1º de fevereiro de 2019)

*(Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 07 de 12 de fevereiro de 2019)*

Os muitos cristãos que hoje são perseguidos, atacados e sofrem por causa da fé, conseguem perseverar sustentados pela «memória dos momentos felizes», como o primeiro encontro com Jesus, e pela esperança. Uma atitude que é válida também no dia a dia de cada cristão: com efeito, o crente deve apostar precisamente em «memória e esperança», quando se vê a braços com «um momento de fraqueza» ou até de verdadeira «desolação».

«Hoje a Igreja propõe-nos, na primeira leitura, uma catequese sobre a perseverança: perseverai no caminho de fé, perseverai no serviço do Senhor» explicou o Pontífice referindo-se à carta aos Hebreus (10, 32-39). Com efeito «o autor da carta aos Hebreus fala aos cristãos que estão a passar por um momento difícil, um momento mau porque são perseguidos ou porque não são compreendidos, sofrem injúrias, ou momentos pessoais sombrios, na própria vida, quando — também nós muitas vezes vivemos momentos assim — nada se sente, a ilusão do serviço do Senhor não nos ampara, praticar o bem resulta árduo, é um tempo túbio, de afastamento na nossa alma, um tempo de desolação».

Mas «também Jesus sofreu» este tempo de desolação: pensemos na tristeza de Jesus quando chorou diante do sepulcro de Lázaro, quando chorou sobre Jerusalém: o coração estava triste». E a «a tristeza de Jesus quando diz aos apóstolos na Quinta-Feira: “A minha alma estará triste até à morte”». Nesse momento «o coração de Jesus está sombrio: também ele passou por isto, a ponto que pediu ao Pai que não aconteça, que passe aquela hora». «A vida cristã não é um carnaval, não é festa e alegria, descontraída, contínua». É verdade, «a vida cristã tem momentos lindíssimos e momentos maus, momentos de fraqueza, de desapego, como disse, onde nada tem sentido: o momento da desolação».

E precisamente «neste momento, quer pelas perseguições internas quer pelo estado interior da alma, o autor da carta aos Hebreus diz: “Tendes apenas necessidade de perseverança”». É preciso «perseverança para que, tendo feito a vontade de Deus, obtenhais o que vos foi prometido» lê-se no texto. Por conseguinte, «perseverança para chegar à promessa». E «o caminho da promessa, como disse, tem momentos bons, momentos luminosos, momentos obscuros» insistiu o Pontífice, sugerindo que se «persevere sempre» seguindo as «duas indicações» propostas pelo apóstolo: «memória e esperança».

Pode-se recorrer «à memória nos momentos obscuros». Lê-se na carta aos Hebreus: «Recordai os primeiros dias». Ou seja, explicou Francisco, «os dias felizes do encontro com o Senhor, por exemplo, quando fiz uma boa obra e senti a proximidade do Senhor, quando senti que numa prece o Senhor se aproximava de mim ou quando escolhi entrar no seminário, na vida consagrada». Eis, «momentos bons, bons». Portanto, sugere o autor da carta, «recordai aqueles momentos, os primeiros dias, nos quais tudo era luminoso; agora sinto-me abatido, sim, mas penso neles».

Eis, então, a «primeira receita contra a desolação: recordar, recordar a alegria dos primeiros dias». É ainda o autor da carta que recorda «o que fizeram os cristãos nos primeiros dias: “Depois de terdes recebido a luz de Cristo, tivestes que enfrentar uma luta grande e penosa, ora expostos publicamente a insultos, perseguições, ora tornando-vos solidários com quantos eram tratados deste modo”». Contudo «não importava: éreis felizes, naquele momento» insistiu o Papa. Ao contrário, prosseguiu, «hoje estais desolados: recordai o momento da felicidade nos primeiros dias da consolação».

No livro do profeta Jeremias, recordou Francisco, «há um aspeto agradável que diz: “Senhor” — olhando ele para estes primeiros momentos — “de ti recordo os primeiros dias, os dias da juventude” — a juventude espiritual — “aquele segue-me como apaixonado no deserto”: o tempo do amor. Depois chegou o tempo mau mas nós recordamos o bom».

A segunda indicação é «a esperança». Lê-se ainda na carta aos Hebreus: «Tendes unicamente necessidade de perseverança para que, tendo feito a vontade de Deus, obtenhais aquilo que vos foi prometido», portanto, acrescentou o Pontífice, «para chegar Àquela promessa que me foi feita nos primeiros dias». De resto «a vida é assim, nós sabemos-lo, pois todos passamos por estes momentos maus, todos. É normal. Mas não é bom desanimar, não é bom dizer: “ah, é inútil”. Ele diz muito claramente: “Não cedas, não retrocedas”, diz no original; “não retrocedas, não cedas”».

É necessário «resistir nos maus momentos mas uma resistência da memória e da esperança, uma resistência com o coração: o coração, quando pensa nos momentos bons, respira, quando olha para a esperança também pode respirar». E é exatamente «o que nós devemos fazer nos momentos de desolação, para encontrar o primeiro conforto e a consolação prometida pelo Senhor».

«Vem-me à mente uma coisa que me comoveu, me impressionou, na prisão que visitei na Lituânia, onde levavam os condenados à morte. E aquelas pessoas sabiam que se tivessem perseverado na fé, no amor à pátria, teriam acabado assim. Mas eram corajosas. Muitos, tantos cristãos, tantos mártires».

«Também hoje, muitos homens e mulheres estão a sofrer por causa da fé mas recordam-se do primeiro encontro com Jesus, têm esperança e vão em frente» afirmou. «Este é o conselho do autor da carta aos Hebreus para os momentos de perseguição, quando os cristãos são atacados: “Sede perseverantes”». E assim «também nós, quando o diabo nos ataca com as tentações, com os vícios, com as nossas misérias, olhemos sempre para o Senhor, a perseverança da cruz, recordando os primeiros momentos bons do amor, do encontro com o Senhor e a esperança que nos compete». Concluindo, o Papa convidou a rezar para que «o Senhor nos conceda a graça da memória e da esperança, a fim de poder seguir assim, com perseverança, pelo caminho da nossa vida».

## Humildes para curar

Quinta-feira, 7 de fevereiro de 2019)

*(Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 08 de 19 de fevereiro de 2019)*

O cristão deve aprender a «sabedoria das carícias de Deus»: ter a humildade de «abrir o coração para ser curado pelo Senhor» e de igual forma a humildade e delicadeza para curar o irmão que está ao seu lado, que necessita da sua ajuda, de «um conselho», de uma «boa palavra». É exatamente assim que se constrói uma «comunidade cristã».

Foi a reflexão que o Papa Francisco desenvolveu durante a missa. Comentando o trecho do Evangelho de Marcos (6, 7-13) no qual Jesus «envia os seus discípulos para curar», o Pontífice sublinhou que o próprio Jesus «veio ao mundo para curar, curar a raiz do pecado em nós». Uma cura, a de Jesus — explicou o Papa — que é um «recriar». Com efeito, Ele «nos recriou a partir da raiz e depois nos encaminhou com o seu ensinamento, com a sua doutrina, que é uma doutrina que cura».

Portanto, o mestre envia os doze «para curar». Mas antes de tudo deu um mandamento: «Ordenou-lhes [...] e eles proclamaram que o povo se convertesse». É um pormenor sobre o qual Francisco refletiu imediatamente: «A primeira cura — disse — é a conversão no sentido de abrir o coração para que entre a Palavra de Deus». Com efeito, «converter-se significa ver de outro modo, convergir para outro ponto. E isto abre o coração, faz ver outras coisas. Mas se o coração estiver fechado não pode ser curado». Acontece como na vida diária: «Se alguém estiver doente e pela sua tenacidade não quiser ir ao médico, não será curado».

Por conseguinte, o Senhor recomenda aos discípulos antes de tudo: «Convertedei-vos, abri o coração». Este é o primeiro ensinamento que o Papa tirou da leitura do Evangelho do dia. Não obstante «nós cristãos fazemos muitas coisas boas, o coração está fechado», as boas ações são apenas uma fachada: «é apenas tinta por fora, que nas primeiras chuvas desaparecerá». Ao contrário, é necessário «abrir o coração» e questionar-se: «Será que eu

sinto este convite a converter-me, a abrir o coração para ser curado, para encontrar o Senhor, para ir em frente?». Prosseguindo a meditação, o Pontífice focou a atenção sobre a atitude que cada cristão deve ter em relação a si mesmo — a disponibilidade a «abrir o coração» — e em relação aos outros. E fê-lo retomando a leitura do trecho evangélico, no qual se narra que os doze «partiram e exortaram o povo a converter-se». Uma missão, explicou Francisco, que precisava de «autoridade». E foi o próprio Jesus quem indicou como eles teriam obtido aquela autoridade: «Ordenou-lhes que nada levassem para o caminho, a não ser um cajado: nem pão, nem alforge, nem dinheiro...». Nada. A pobreza. Trata-se de um pormenor fundamental para definir a figura do apóstolo que, disse Francisco, é como «o pastor que não procura o leite das ovelhas, que não procura a lã das ovelhas». Também Santo Agostinho, recordou, usou a mesma comparação especificando «quem procura o leite, procura dinheiro e quem procura a lã, gosta de se vestir com a vaidade da sua profissão. É um carreirista de honras». Este, frisou com firmeza o Papa, não é apóstolo: «Não, não, não, nada: pobreza, humildade, mansidão».

Humildade e mansidão exigidas pelo próprio Jesus dos doze aos quais recomenda que não discutam: «Se não fordes recebidos numa localidade ide para outro lugar!». Uma atitude aprofundada pelo Pontífice para fazer sobressair conselhos úteis também hoje: «Se um apóstolo, um enviado, algum de nós — somos tantos enviados aqui — anda um pouco de nariz empinado, achando-se superior aos outros ou procurando algum interesse humano ou — sei lá — procurando lugares na Igreja, nunca curará ninguém, nunca conseguirá abrir o coração de alguém, pois a sua palavra não terá autoridade».

Com efeito, a autoridade deriva do seguir «os passos de Cristo», que são muito claros: «A pobreza. De Deus que se fez homem! Aniquilou-se! Despojou-se! A pobreza que leva à mansidão, à humildade». Assim como Jesus «humilde», disse o Pontífice, percorria «as aldeias para curar» também um apóstolo «com esta atitude de pobreza, de humildade, de mansidão, é capaz de ter a autoridade para dizer: “Converti-vos”, para abrir os corações».

Esta atitude, explicou Francisco, evidencia-se não só na intenção inicial, mas inclusive nos gestos. De facto, os doze, lê-se no Evangelho, «afugentavam muitos demónios», tinham «a autoridade para dizer: “Não, este é um demónio! Isto é pecado. Esta é uma atitude impura! Não pode fazer isto». Mas, sublinhou o Papa, podiam fazê-lo com mansidão e com a autoridade do próprio exemplo, não com a autoridade de alguém que fala do alto, mas não se interessa pelas pessoas. Esta não é autoridade: é autoritarismo». E diante da humildade, «diante do poder do nome de Cristo com o qual o apóstolo desempenha a sua missão se for humilde, os demónios fogem», porque os demónios «não toleram, que se curem os pecados». E os doze curavam não só o espírito, mas também o corpo: «ungiam com óleo muitos enfermos e curavam-nos». A unção é um gesto altamente significativo. O Pontífice sublinhou: «A unção é a carícia de Deus».

A simbologia do óleo é profunda: «o óleo é sempre uma carícia, sempre. Amacia a pele, faz com que te sintas melhor; o óleo é carícia» do Senhor. Portanto, explicou Francisco, «os convidados, os apóstolos, devem aprender esta sabedoria das carícias de Deus». Da mesma forma, continuou, «um cristão cura, não apenas um sacerdote, um bispo, mas também um cristão. Cada um de nós tem o poder de curar se escolher este caminho». Por conseguinte, é possível «curar o irmão, a irmã com uma boa palavra, com a paciência, com um conselho no devido tempo, com um olhar, mas com o óleo, humildemente».

Eis então resumida a dupla perspectiva da homilia do Pontífice: «Todos nós necessitamos de ser curados, todos; pois todos temos doenças espirituais, todos»; mas, ao mesmo tempo, «temos a possibilidade de curar os outros, mas com esta atitude». Uma atitude que deve ser pedida durante a oração: «Que o Senhor nos conceda esta graça de curar como Ele curava: com a mansidão, com a humildade, com a força contra o pecado, contra o demónio e ir em frente com esta bonita missão de nos curarmos reciprocamente, para que todos possamos dizer: “Eu curo o outro e deixo-me curar pelo outro”. Porque, concluiu o Papa, «esta é uma comunidade cristã».

## Quatro personagens em busca do Autor

Terça-feira, 8 de fevereiro de 2019)

*(Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 09 de 26 de fevereiro de 2019)*

Quatro personagens em busca do Autor da vida. O martírio de João, com a imagem crua e desoladora dos discípulos que vão buscar sozinhos o seu corpo à cela para lhe dar uma sepultura, sugeriu ao Papa um apelo a saber doar a própria existência aos demais. E a não cair naquela corrupção, entre ódio e vaidade, na qual satanás envolveu o rei Herodes, Herodíades e sua filha.

«Os discípulos de João, tomando conhecimento do ocorrido, levaram o seu cadáver para um sepulcro». Foi com estas palavras — tiradas do excerto evangélico de Marcos (6, 14-29) — que, observou Francisco no início da sua homilia, «acabou a história deste homem que Jesus qualificara como “o maior homem nascido de mulher”». Portanto, «o maior acabou assim».

«Mas João — insistiu o Pontífice — sabia isto, sabia que tinha que se aniquilar, não sabia como teria morrido, mas sabia que tinha que se aniquilar». E «desde o início o dissera, falando de Jesus: “Ele tem que crescer, eu tenho que diminuir”». Com efeito, explicou, João «diminuiu até à morte. Foi o precursor da vinda de Jesus, o anunciador: mostrou-o aos discípulos, aos primeiros discípulos». E «depois a sua luz foi-se apagando pouco a pouco, até à escuridão daquela cela, na prisão, onde, sozinho, foi decapitado».

«Eis a história do “maior homem nascido de mulher”» insistiu o Papa, observando que «não é fácil contar a vida dos mártires: o martírio é um serviço, é um mistério, é um dom da vida muito especial e deveras grande». E «no final as situações acontecem de modo violento, porque no meio há atitudes humanas que levam a tirar a vida de um cristão, de uma pessoa honesta, e a fazer com que se torne mártir».

Em particular, Francisco indicou «algumas atitudes neste trecho do Evangelho» proposto pela liturgia. E «a primeira é a atitude do rei: refere-se que pensava que João era um profeta. Pensava, ouvia-o de bom grado; a um certo ponto protegia-o, mas tinha-o aprisionado: um pouco cá, um pouco lá». Estava «indeciso, porque João reprovava ao rei o pecado do adultério e ele ficava muito perplexo quando o ouvia: ouvia a voz de Deus que lhe dizia “muda de vida”, mas não conseguia». Em síntese, afirmou o Pontífice, «o rei era corrupto e é muito difícil sair de onde há corrupção». Precisamente porque «corrupto», o rei «procurava equilíbrios diplomáticos, digamos assim, entre a própria vida — não só a adúltera, mas também a vida cheia de injustiças que permitia — e a santidade do profeta que tinha diante de si». E «esta era a perplexidade, e nunca chegava a desfazer aquele nó». Portanto, «o primeiro protagonista deste final é um corrupto».

«O segundo protagonista é a esposa do irmão do rei, Herodíades» continuou o Papa. Dela «o Evangelho diz apenas que “odiava” João» e «odiava-o porque João falava com clareza». Francisco quis frisar bem a palavra «odiava» pois «nós sabemos que o ódio é capaz de tudo, é uma força grande. O ódio é a respiração de satanás: recordemo-nos que ele não sabe amar, não pode amar. O seu “amor” é o ódio». E «esta mulher tinha o espírito satânico do ódio» e «o ódio destrói».

«A terceira personagem — disse ainda o Pontífice — é a jovem, a filha de Herodíades: dançava bem, a ponto que agradou muito aos comensais, ao rei». E «o rei, naquele entusiasmo — um pouco de entusiasmo, muito vinho e muitas pessoas ali — fez uma promessa a esta moça vaidosa: “Dar-te-ei tudo”». O Papa observou que «usa as mesmas palavras que satanás usou para tentar Jesus: “Se me adorares dar-te-ei tudo, o reino, tudo”». E nem sequer «sabia que usava as mesmas palavras». Porque «por detrás destas personagens está satanás, semeador de ódio na mulher, semeador de vaidade na jovem, semeador de corrupção no rei».

Neste contexto “o maior homem nascido de mulher” acabou sozinho, numa cela escura da prisão, devido ao capricho de uma bailarina vaidosa, ao ódio de uma mulher diabólica e à corrupção de um rei indeciso». João é «um mártir o qual deixou que a sua vida fosse diminuindo, para dar lugar ao

Messias». E «morre ali, no anonimato, como tantos mártires nossos». A ponto que «o evangelho nos diz unicamente que os discípulos foram buscar o seu cadáver para o sepultar».

«Cada um de nós pode pensar: este é um grande testemunho de um homem grandioso, de um grande santo» afirmou o Pontífice. «A vida — observou — só tem valor se for doada no amor, na verdade, oferecida aos outros, na vida diária, na família». Mas «doando-a sempre». E «se alguém tomar a vida para si, para a preservar, como o rei na sua corrupção ou a senhora com o ódio, ou a moça, a jovem, com a própria vaidade — um pouco adolescente, inconsciente — a vida morre, a vida acaba por murchar, não serve». Ao contrário, João «doou a sua vida: “eu devo diminuir para que Ele seja ouvido, visto, para que Ele, o Senhor, se manifeste”».

Em conclusão Francisco sugeriu «que se recordem quatro personagens: o rei corrupto, a senhora que só sabia odiar, a moça vaidosa que não tinha consciência de nada e o profeta decapitado sozinho na cela». Com os votos de que «cada um abra o coração para que o Senhor lhe fale sobre isto».

## Respostas de circunstância a perguntas constrangedoras

Segunda-feira, 18 de fevereiro de 2019)

*(Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 09 de 26 de fevereiro de 2019)*

Não dar mais respostas de circunstância às questões incômodas de Deus, o qual nos pergunta onde está o nosso irmão que tem fome — não é suficiente dar-lhe um «bónus refeição» da Cáritas — ou que está sozinho doente no hospital, ou na prisão, ou não pode ir à escola, ou é toxicodependente. Não devemos evitar a «pergunta incômoda de Deus» descarregando a consciência e encontrando mil desculpas genéricas.

Além de tudo, explicou, o compromisso em primeira linha da Igreja nas redes sociais foi desejado pelo Senhor e certamente não é a atividade de um «partido comunista».

«O trecho do livro do Génesis que ouvimos na primeira leitura — observou imediatamente Francisco, referindo-se ao excerto litúrgico do Antigo Testamento (4, 1-15.25) — faz parte do género literário que se repete muitas vezes na Bíblia: podemos chamá-lo “Perguntas constrangedoras e respostas de circunstância”».

Com efeito, afirmou o Pontífice, «é precisamente uma pergunta constrangedora, que Deus fez a Caim: “Onde está o teu irmão?”». E «a resposta, neste caso um pouco de circunstância, mas também para se defender: não sei dele. Sou, porventura, guarda do meu irmão? Lavo as minhas mãos. Assim Caim tenta fugir do olhar de Deus».

O Papa recordou que «Jesus fez muitas vezes estas perguntas incômodas a Pedro, por exemplo: “Amas-me?”, três vezes. No final Pedro não sabia o que responder». Ou «aos discípulos: “O que diz de mim o povo?”. E eles responderam “que és um profeta, o Batista” — “Mas vós. O que dizeis?”». Certamente é «uma pergunta embaraçosa».

Portanto, eis que «Deus a Caim» faz esta pergunta: «Onde está o teu irmão?». E «deveras — afirmou Francisco — esta é uma pergunta constrangedora: melhor não a fazer». De resto, «conhecemos muitas respostas: é a sua vida, respeito-a, lavo as mãos. Não me meto na vida alheia, cada um é livre para escolher o próprio caminho». E «assim — observou o Pontífice — na vida de todos os dias a estas perguntas incómodas do Senhor respondemos um pouco com princípios genéricos que nada dizem mas dizem tudo, tudo o que está no coração».

«Gostaria de aplicar agora esta pergunta a nós», disse o Papa. «O Senhor — afirmou — faz esta pergunta hoje a cada um de nós: “Onde está o teu irmão?”». E «talvez alguém um pouco distraído possa responder: “Está em casa, com a sua esposa!”. Não, “onde está o teu irmão?”». Nele, insistiu Francisco, identifica-se «o faminto, o doente, o preso, o perseguido pela justiça: “Onde está o teu irmão?” — “Não sei” — “Mas o teu irmão tem fome!” — “Sim, certamente, está a almoçar na Cáritas da paróquia, sim, sem dúvida, dar-lhe-ão de comer”». Assim, «com esta resposta de circunstância — comentou — salvo a minha pele».

E também: “Onde está o outro teu irmão, o doente” — “Certamente no hospital!” — “Mas não há lugar no hospital! E tem remédios?” — “Mas é um problema dele, não me posso intrometer na vida alheia, terá parentes que lhe darão os remédios”. E lavo as minhas mãos».

E ainda: «“Onde está o teu irmão, o preso?” — “Ah, está pagando o que merece. Cometeu um grave erro, que o pague. Estamos cansados de tantos delinquentes pelas ruas: que pague”».

«Talvez, nunca ouves esta resposta dirigida a ti da boca do Senhor», afirmou o Pontífice, que insistiu: «Onde está o teu irmão? Onde está o teu irmão explorado, aquele que trabalha de modo precário nove meses por ano, para retomar, depois de três meses, mais outro ano? E assim não tem segurança, nem férias” — “Mas hoje não há trabalho e aceitamos o que aparece”». Mas esta é «outra resposta de circunstância».

«Gostaria também que agora — sugeriu Francisco — cada um de nós compreendesse esta palavra do Senhor como se fosse dirigida a nós pessoalmente — o Senhor pergunta-me: “onde está o teu irmão?” — e depois acrescenta o nome dos irmãos que o Senhor nomeia no capítulo 25 de Mateus: doente, faminto, sedento, nu, o pequenino que não pode ir à escola, o drogado, o preso». Onde está cada um deles, cada um destes irmãos?

O Papa propôs também perguntas essenciais e diretas, como um exame de consciência: «Onde está o teu irmão no teu coração? Há lugar para estas pessoas no nosso coração? Ou falamos, sim, das pessoas, descarregamos um pouco a consciência dando esmola, mas que não perturbem demasiado, por favor, porque com estas situações sociais da Igreja acabam por te considerar membro do partido comunista e isto faz mal. Muito bem, mas o Senhor disse: onde está o teu irmão? Não é o partido, é o Senhor».

«Estamos habituados — reconheceu o Pontífice — a dar respostas de circunstância, respostas para evitar o problema, para não ver o problema, para não encarar o problema». Por isso, acrescentou, «hoje far-nos-á bem repetir: onde está o meu irmão? Fazer a lista de quantos o Senhor nomeia em Mateus 25. Ao contrário, entre nós começa uma vida obscura: o pecado está escondido atrás da tua porta, diz o Senhor a Caim, e quando vivemos esta existência obscura sem seguir o que o Senhor Jesus nos ensinou, o pecado está à porta, escondido, à espreita para entrar. E para nos destruir». Eis a força da pergunta: «onde está o teu irmão?».

Mas «há outra pergunta do livro do Génesis depois do pecado de Adão» observou o Papa. O Senhor pergunta: «“Adão, onde estás?”. E ele esconde-se pela vergonha, por medo. Oxalá sentíssemos esta vergonha» disse Francisco, sugerindo novas perguntas para o exame de consciência pessoal: «Onde está o teu irmão? Onde estás? Em que mundo vives que não te dás conta destas situações, destes sofrimentos, destas dores? Onde está o teu irmão? Pega na sua mão. Onde estás? Não te escondas da realidade».

Na conclusão, o Pontífice pediu para «responder abertamente, com lealdade, aliás com alegria, a estas duas perguntas do Senhor: «Onde está o

teu irmão? Onde estás?». ».

## Os sentimentos de Deus

Terça-feira, 19 de fevereiro de 2019)

*(Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 10 de 05 de março de 2019)*

«Os nossos tempos não são melhores do que aqueles do dilúvio universal» e as primeiras vítimas são as crianças, entre guerras e injustiças, e «os pobres que pagam a conta salgada da festa». Por isso, hoje os homens e as mulheres deveriam ter os mesmos sentimentos de Deus, arrependendo-se e amargurando-se: o Papa deu uma sugestão pastoral muito intensa durante a missa, convidando a pôr de lado o «sentimentalismo» ou as «ideias abstratas» e a entrar «no mistério do coração de Deus».

«Na primeira leitura — realçou o Pontífice, referindo-se ao trecho do livro do Génesis (6, 5-8; 7, 1-5.10) — fala-se do dilúvio, mas gostaria de meditar sobre dois verbos: diz que o Senhor viu a maldade dos homens, que era muito grande, e arrependeu-se de ter criado o homem sobre a Terra, e sofreu amargamente no seu coração».

E assim, afirmou o Papa, «o Deus Todo-Poderoso que pode fazer tudo tem sentimentos, é capaz de se arrepender, de se amargar e de tomar uma decisão: “Eliminarei da face da terra o homem e todas as coisas”: irou-se!». Deus, continuou Francisco, «é capaz de ira, enraiveceu-se diante disto».

«O nosso Deus — explicou — mostra-se no início como pai, e aos profetas apresenta-se sempre como um pai que nos pega no colo, como se fôssemos crianças, acaricia-nos, ampara-nos, faz-nos crescer: um Deus com coração, com sentimentos. Não é um Deus abstrato, meras ideias. Porque razão? Explicam-no os teólogos, mas Ele apresenta-se assim: Pai».

Portanto, «os sentimentos de Deus». E «a pergunta pode ser esta: Deus sofre? Eis o mistério do Senhor. Paulo admoesta os cristãos: “Não entristeçais o Espírito Santo”, não entristeçais o Espírito Santo. Ele entristece-se, é um mistério».

«Mas estamos certos — afirmou o Papa — de que, feito carne, tinha a capacidade de sentir como nós, de corpo e alma, sentir no coração, o coração de Deus feito carne, o coração de Jesus: é o coração do pai, o coração do Espírito, está presente e acompanha-nos com sentimentos, sofre». De resto, recordou, «houve muito sofrimento no coração de Jesus. Chegou a chorar».

Eis, então, «os sentimentos de Deus: Deus pai que nos ama — e o amor é uma relação — mas é capaz de se zangar, de se irar. É Jesus que vem e dá a vida por nós, tudo, com o sofrimento do coração». Mas, insistiu Francisco, «o nosso Deus tem sentimentos. O nosso Deus ama-nos com o coração, não nos ama com ideias, mas com o coração». E «quando nos acaricia, afaga-nos com o coração, e quando nos repreende, como um bom pai, fá-lo com o coração, sofre mais do que nós. Pensamos nisto?».

«O dilúvio, como aqui se narra — acrescentou o Pontífice — não é um decreto frio de um deus pagão, da mitologia: “Mas faço isto, aquilo, e assim acabo, faço a limpeza”. Não! Sofreu no seu Coração. Entrou na paixão». E «este é o nosso Pai, o nosso Irmão Jesus. Este é o Espírito que não devemos fazer entristecer».

O Pontífice frisou também que «a nossa prece, a nossa relação com Deus não é feita de ideias, mas de coração a coração, de filho para pai, que se abre, e se Ele é capaz de se amargar no seu coração, também nós seremos capazes de sofrer diante d'Ele. E isto não é sentimentalismo, esta é a verdade».

Francisco insistiu sobre a imagem «deste Pai que depois se arrependeu: primeiro arrependeu-se de ter criado o homem, depois arrependeu-se de ter feito o dilúvio e jurou que já não o faria, não destruiria, mas toleraria muitas situações». E confidenciou: «Não acho que os nossos tempos são melhores que os tempos do dilúvio: as calamidades são mais ou menos as mesmas, as vítimas são mais ou menos as mesmas». A propósito, o Papa convidou a pensar «por exemplo nos mais frágeis, as crianças. A quantidade de crianças famintas, sem educação: não podem crescer em paz. Sem pais, os quais foram massacrados pelas guerras. Crianças-soldado. Só pensemos

nestas crianças. Não acho que o tempo do dilúvio era melhor do que este; e o Senhor sofre mas acompanha-nos da cruz, acompanha-nos do coração para não nos deixar cair, para não destruir. E isto é amor».

Também a humanidade de hoje deve chorar, como Jesus, «perante os problemas que temos — cada um de nós tem muitos — diante das calamidades do mundo, dos pobres, das crianças, dos famintos, dos perseguidos, dos torturados». Além disso, há «pessoas que morrem na guerra porque lançam bombas como se fossem caramelos e morrem — “Ah sim, morreram três mil”». Portanto, reiterou o Papa, «também nós devemos chorar, chorar como Jesus chorou ao olhar para Jerusalém, com o coração de Deus», e «pedir hoje a graça de ter um coração como o coração de Deus, que se assemelhe ao coração de Deus, um coração de irmão com os irmãos, de pai com os filhos, de filho com os pais. Um coração humano, como o de Jesus, é um coração divino».

«Há — insistiu o Pontífice — a grande calamidade do dilúvio, a grande calamidade das guerras de hoje, e quem paga a conta da festa são os frágeis, os pobres, as crianças, aqueles que não têm recursos para ir em frente». Por isso, concluiu, «pensemos que o Senhor sofre no seu coração e aproximemo-nos d'Ele e digamos-lhe: “Senhor, olha para isto, eu entendo-te”.

Consolemos o Senhor: “Entendo-te e acompanho-te” na oração, na intercessão por todas estas calamidades que são fruto do diabo que quer destruir a obra de Deus. “O Senhor arrependeu-se de ter criado o homem”, e depois disse que nunca o destruiria. O Senhor sofreu no seu coração». Eis o convite final do Papa: «Entremos no mistério do coração amargurado de Deus, que é o coração de pai, de irmão, e falemos com Ele olhando para as numerosas calamidades do nosso tempo».

## **Cinco minutos de sabedoria**

Quinta-feira, 28 de fevereiro de 2019)

*(Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 11 de 12 de março de 2019)*

No turbilhão de uma vida em que o homem tende a confiar «no poder», «na saúde», «nas riquezas», ele vai em frente, «temerário», pensando que pode fazer o que quiser. E perde consciência da «relatividade da vida». Ao contrário, é necessário ter a sabedoria de parar, todos os dias, nem que seja 5 minutos, para fazer um exame de consciência que reconstrua uma correta hierarquia de valores e permita recomeçar mais «soberano de si mesmo».

A reflexão do Pontífice inspirou-se nas leituras do Evangelho do dia (Mc 9, 41-50) no qual se narra o episódio em que Jesus oferece um «conjunto de conselhos». Destes, sublinhou Francisco, «o último é um bom conselho: «Tende sal em vós mesmos e vivei em paz uns com os outros»». Com a expressão “Tende sal”, explicou o Papa, «o Senhor tenciona dizer: tende sabedoria, que a vossa vida seja sábia». Um convite necessário, porque «a sabedoria não é óbvia», não está garantida, por exemplo, só pelo facto de ter «frequentado a universidade». Não, «a sabedoria é algo de todos os dias», que deriva da reflexão sobre a vida e da capacidade de «tirar as consequências da experiência de vida».

Trata-se de um aspeto analisado pela primeira leitura (Eclo 5, 1-10). O trecho começa precisamente com a expressão: «Não confiar...». No quê? Questionou-se o Pontífice: «No teu poder, na tua saúde, nas tuas riquezas, nas coisas que possuis... Isto é muito bom, mas não confies nisto, porque só estas coisas não te darão o sucesso». Recita a Escritura: «Não confies nas tuas riquezas e não digas: “Chego a mim mesmo”». É como ler, observou o Papa, «o conselho de um pai ao filho, de uma avó ao neto», trata-se de «um conselho sábio», ou seja: «Para todos os dias um pouco e pensa em como viveste aquele dia. Não sigas o teu instinto, a tua força, cedendo as paixões do teu coração».

De facto, disse o Pontífice, aprofundando o conceito, «todos temos paixões. Mas cuidado, domina as paixões. Pega nelas, as paixões não são coisas ruins, são, por assim dizer, o “sangue” para realizar muitas coisas boas, mas se não fores capaz de dominar as tuas paixões, elas te dominarão».

Eis então o apelo fervoroso: «Pára, pára». Não devemos deixar que a soberba nos domine: «Não devemos dizer: “Quem me dominará? Quem conseguirá submeter-me por aquilo que fiz?”» porque, acrescentou, «nunca se sabe o que vai acontecer na vida».

Refletindo sobre a «relatividade da vida», o Papa recordou, parafraseando-os, os versículos de um salmo que o «impressiona muito» (37, 35-36): «Ontem passei e vi um homem; hoje voltei a passar e já não estava ali». E sugeriu: «Pensemos nos nossos avós. Talvez poucos de nós ainda tenham avós, mas eles viviam a vida concreta de todos os dias, e hoje já não estão vivos». E ainda: «Os nossos netinhos dirão: “Ah, os nossos avós, nós. E já não estaremos vivos...”». Acrescentando um conselho para cada homem: «Pára, pensa, não és eterno», esta é «a sabedoria da vida».

O homem não deve deixar-se vencer pela tentação de dizer: «Mas pode-se fazer um pouco de tudo, porque pequei... e o que me aconteceu?», não deve ser «tão temerário, tão audaz a ponto de pensar» que de uma forma ou de outra ele se sairá bem: «Não se pode contar com o “Ah, desenrasquei-me até agora, e vou continuar assim...”». Não. Safas-te, sim, mas agora não se sabe... Não podes dizer: “A compaixão de Deus é grande, perdoar-me-á os meus pecados”, e deste modo vou em frente fazendo o que me apetece. Não podes dizer assim». O que fazer? O conselho é tirado do trecho do livro do Eclesiástico, que o Papa considera como «o conselho final deste pai, deste “avô”: «Não esperes para te converter ao Senhor”, não esperes para te converter, mudar de vida, aperfeiçoar a tua vida, extirpar de ti aquela erva daninha, todos temos...». Uma clara admoestação para o homem contida na Escritura: «Não esperes para te converter ao Senhor e não adies, pois a ira do Senhor explodirá de repente». Assim como se lê: Ontem passei e vi um homem; hoje voltei e já não estava ali» e ainda: «Não confies em riquezas injustas, não te serão úteis no dia da desventura».

Trata-se, sublinhou o Papa, de «uma palavra positiva, que nos ajudará muito: “Não esperes para te converter ao Senhor”, não adies a mudança da tua vida». Portanto, «se tiveres este defeito, antes de ir dormir, pára um minuto; examina a tua consciência e pega nas rédeas, debes comandar». Cada homem é chamada a fazer um exame de consciência e a dizer a si mesmo: «Sim, errei, falhei várias vezes, tive muitos insucessos, mas amanhã gostaria que isto não acontecesse». É necessário «tomar consciência das próprias falências. Todos os temos e todos os dias, e muitas. Mas não te assustes, unicamente não penses que são coisas comuns, que são o sal de cada dia, isso não».

Se, acrescentou o Pontífice, «eu tomar as rédeas desta paixão e for o dominado, serei responsável por estas minhas ações». São suficientes «5 minutos, antes de ir dormir». Questionar-se: «O que aconteceu hoje»? O que aconteceu na minha alma?» para «aprender a ser mais “soberano” de mim mesmo, no dia seguinte».

Por fim, Francisco concluiu exortando: «Façamos este pequeno exame de consciência todos os dias, para nos converter ao Senhor: «Mas amanhã vou fazer com que isto não aconteça”. Talvez aconteça, um pouco menos, mas conseguiste governar tu e não ser governado pelas tuas paixões, pelas muitas coisas que acontecem, porque nenhum de nós sabe por certo como acabará a própria vida e quando acabará».

Trata-se apenas de «5 minutos no final do dia» que, porém, «nos ajudarão muito a pensar e a não adiar a mudança do coração e a conversão ao Senhor. Que o Senhor nos ensine com a sua sabedoria a percorrer este caminho».

## **Preservar a memória**

Quinta-feira, 7 de março de 2019)

*(Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 11 de 12 de março de 2019)*

«No início da Quaresma fará bem a todos nós pedir a graça de preservar a memória, conservar a memória de tudo o que o Senhor realizou na minha vida: como me amou». Foi a proposta lançada pelo Papa Francisco, que advertiu contra o cair na idolatria dos «fogos de artifício» das escolhas cómodas e do bem-estar espiritual que faz com que esqueçamos o Senhor.

A primeira leitura, observou o Papa, fazendo referência ao trecho tirado do livro do Deuteronomio (30, 15-20), «é uma parte do discurso que Moisés dirige ao povo a fim de o preparar para entrar na terra que o Senhor lhe tinha prometido». E «o livro do Deuteronomio, no final, contém esta preparação e hoje põe-nos diante de um desafio e também de uma escolha. Escolhe: vida ou morte».

«Somos nós, segundo Moisés, que devemos escolher» recordou Francisco. E isto «é um apelo à nossa liberdade; põe-nos diante da nossa liberdade: sou livre para escolher a vida ou a morte». O texto bíblico, continuou o Pontífice, apresenta «três palavras-chave no início: “Mas se o teu coração se desviar — primeira palavra — e não escutares — segunda palavra — se te deixares arrastar e adorares deuses estranhos e os servires” — terceira palavra».

Quando, explicou o Papa, «o coração se desvia, quando empreende um caminho que não é o certo — quer o desvio quer outra estrada, mas não percorre o caminho certo — perde a orientação, a bússola, com a qual deve ir em frente». E «um coração sem bússola é um perigo público: para si mesmo e para os outros». De resto, «um coração empreende este caminho errado quando não ouve, quando se deixa arrastar pelos deuses, quando se torna idólatra».

«Nós — reiterou Francisco — somos capazes de não ouvir. Há muitos surdos na alma. Também nós algumas vezes nos tornamos surdos na alma, não ouvimos o Senhor». E «depois há os “fogos de artifício” que nos chamam, os falsos deuses que te chamam para uma idolatria, não é verdade? Este é o perigo ao longo do caminho rumo à terra que a todos nós foi prometida; a terra do encontro com Cristo ressuscitado».

«A Quaresma ajuda-nos a percorrer esta estrada», recordou o Pontífice. Porque «não ouvir o Senhor, não ouvir as promessas que nos fez, é perder a memória». E, observou, «isto é muito importante, quando nós perdemos a memória das grandes coisas que o Senhor realizou na nossa vida, que fez na sua Igreja, no seu povo, e nos habituamos a ir em frente por nossa conta, com as nossas forças, com a nossa autossuficiência». Por esta razão, sugeriu o Papa, «é importante começar a Quaresma pedindo a graça da memória: “Senhor, que eu não perca a memória, que eu saiba ouvir”».

Recordando as palavras de Moisés ao seu povo, um convite a nunca esquecer o caminho que o Senhor fez percorrer, Francisco advertiu contra este «perigo: quando nos sentimos bem, quando temos tudo ao alcance das mãos e espiritualmente estamos bem, há o perigo de perder a memória do caminho».

Eis então o significado das expressões: «Olha para trás — não “te desvies”! — o caminho que percorreste»». E «o bem-estar, inclusive o bem-estar espiritual, inclui o perigo de cair numa certa amnésia, uma falta de memória: estou bem assim e esqueço-me daquilo que o Senhor fez na minha vida, de todas as graças que nos concedeu, penso que é meu mérito e vou em frente». Este é precisamente o momento no qual «o coração começa a desviar-se, porque não ouve a sua voz: a memória». Eis «a graça da memória».

«Há outro excerto, na carta aos Hebreus, que parece seguir o mesmo esquema» observou o Papa, citando o trecho no qual «o autor diz aos cristãos: recordai-vos dos primeiros dias, do fervor dos primeiros dias». Porque, afirmou, «nós, quando começamos a percorrer o caminho de Jesus,

a estrada do Evangelho, éramos sempre alegres». Eis o convite a «recordar, pois perder a memória é muito comum».

«O povo de Israel — continuou Francisco — perdeu a memória também porque neste esquecimento há algo de seletivo: recordo o que me convém agora e não recordo algo que me ameaça». Por exemplo, «o povo recordava no deserto que Deus o salvou — não o podia esquecer — mas começou a lamentar-se — não temos água, não temos carne, não temos trigo — e a pensar naquilo que tinham no Egito: lá tínhamos muitas coisas boas, as cebolas, tudo o que comíamos». Mas esta é uma recordação «seletiva: esqueciam-se que comiam tudo à mesa da escravidão!».

«A memória — insistiu o Pontífice — põe-nos no caminho certo: recordar para ir em frente; não perder a história: a história da salvação, a história da minha vida, a história de Jesus comigo». E assim «sempre em frente, não parar, não voltar atrás, não se deixar arrastar pelos ídolos». Porque, assinalou, «a idolatria não é só ir a um templo pagão e adorar uma estátua. Não. A idolatria é uma atitude do coração, quando preferes uma coisa, por ser mais agradável que o Senhor, porque esqueceste o Senhor».

«No início da Quaresma — propôs o Pontífice — fará bem a todos nós pedir a graça de preservar a memória, conservar a memória de tudo o que o Senhor realizou na minha vida: como me amou»; e precisamente «começando a partir desta recordação, ir em frente». Além disso, propôs o Papa, «far-nos-á bem também repetir continuamente o conselho de Paulo a Timóteo, o seu discípulo amado: “Recorda-te de Jesus Cristo ressuscitado dos mortos”. Repito: “Recorda-te de Jesus Cristo ressuscitado”. Recorda-te de Jesus, Jesus que me acompanhou até agora e que me acompanhará até ao momento no qual terei que comparecer diante d’Ele glorioso». Nesta perspetiva, concluiu Francisco, «o Senhor nos conceda esta graça de conservar a memória».

## Coerência não hipocrisia

Sexta-feira, 8 de março de 2019)

*(Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 11 de 12 de março de 2019)*

A hipocrisia dos «profissionais da religião» escandaliza, denunciou o Papa Francisco. Na primeira leitura (*Is 58, 1-9*) o profeta faz-nos compreender a diferença que existe na nossa vida entre o real e o formal. É verdade, o formal é uma expressão do real, devem caminhar juntos. Mas quando o formal se separa do real, vivemos só de formalidades e aparências. É isto que Deus condena: viver de aparências. Uma vida para aparecer, sem verdade na realidade do coração das pessoas. Aliás, o Senhor recomenda que sejamos muito simples nas aparências para não nos vangloriarmos das obras boas. E por isso, falando sobre os três exercícios da Quaresma, o Senhor diz-nos: Quando jejuares, que não se veja no teu rosto que estás a jejuar. Mostra-te alegre: que não se veja, para que as pessoas não digam: “Ah, é um homem justo, como jejuar!”. Quando fizeres penitência, quando ofereceres uma esmola, por favor não toques a trombeta: oferece a esmola escondido para que ninguém veja. Pratica o bem sem seres visto. E, terceiro, quando rezares não o faças diante de todos, para que as pessoas digam: “Ah, como reza, este homem, esta mulher!”. Fá-lo em sinceridade diante do Pai”. E Jesus recomenda ainda: “Escondido”.

E, sobre a oração, Jesus ensina-nos com o exemplo do fariseu e do publicano, o modo como ambos rezavam: o fariseu considerava-se justo, mas não o era, e rezava: “Dou-te graças, Senhor, porque sou justo, não como os outros, pobrezinhos...”. Traduzo: “Agradeço-te, Senhor, porque sou católico, pertenço a esta associação, àquela, àquela outra, vou à Missa todos os domingos e não sou como aqueles pobres coitados que nada compreendem”. E como rezava, o coitadinho [o publicano]? “Senhor, tem piedade de mim porque sou pecador”.

Aqueles que buscam as aparências, nunca se consideram pecadores; e se tu lhes disseres: “Mas tu também és pecador!” — “Mas, sim, todos temos

pecados...”, relativizam tudo e voltam a tornar-se justos. Procuram mostrar-se com a cara “de santinhos”, só aparência. E quando há a diferença entre a realidade e a aparência o Senhor usa um adjetivo: “hipócrita”. A hipocrisia. Também nós podemos começar esta Quaresma perguntando-nos: qual é a minha hipocrisia? Onde não sou coerente, falta-me coerência entre a realidade e a aparência? Quando devo disfarçar-me para esconder a minha realidade? Falta de coerência.

E eis que o profeta dá alguns exemplos.”O que fazeis, hipócritas, no dia do vosso jejum? Só cuidais dos vossos negócios e oprimis todos os vossos empregados. Jejuais entre rixas e disputas, dando bofetadas sem dó nem piedade”. Por um lado, fingis que jejuais, talvez até jejueis, mas entretanto “cuidais” dos vossos negócios, e oprimis todos os vossos empregados, jejuais entre rixas e disputas dando bofetadas sem dó nem piedade”. Esta é a hipocrisia. “Sou muito católico, muito católica! Vou sempre à missa...”. Mas depois, o que fazes? És coerente? Ou há esta hipocrisia entre a tua realidade e a tua aparência? “Não jejueis como tendes feito até hoje”, diz o Senhor. “Mudai de vida. Sede coerentes”. No último Sínodo sobre os jovens, talvez o ponto acerca do qual os jovens mais insistiram foi a hipocrisia de muitos cristãos, começando por nós, “profissionais da religião”. Isto desaponta os jovens. Podeis dizer: “Mas eles têm os próprios defeitos!”. Sim. Têm os seus defeitos, é verdade. Mas neste caso têm razão. Parecer e não fazer: isto é hipocrisia.

E depois, o profeta explica: “O jejum que me agrada é este: libertar os que foram presos injustamente, livrá-los do jugo que levam às costas, mandar em liberdade os oprimidos, quebrar toda a espécie de opressão, repartir o teu pão com os famintos, dar abrigo aos infelizes sem casa, atender e vestir os nus e não desprezar o teu irmão”. É verdade: este é o jejum, são as obras de misericórdia. É o que Deus quer de nós. E quando repartires o teu pão com o faminto, introduzires em tua casa alguém que não tem um teto ou que é um migrante, quando procurares roupa para alguém que não a tem e te ocupares disto, jejuas realmente. Muitos cristãos, também católicos, que se dizem católicos praticantes, exploram as pessoas! Como exploram os empregados! Como os mandam para casa no início do verão para os assumir no fim, assim não têm direito à reforma, não têm

direito a ir em frente. E muitos destes definem-se católicos: vão à Missa aos domingos, e depois agem deste modo. Isto é pecado mortal! Quantos humilham os próprios empregados. Nunca me esqueço o que vi na casa de um amiguinho — eu era criança — vi a senhora esbofetear a doméstica porque não fez a limpeza como tinha sido indicado. Nunca esqueci aquele gesto! Tal gesto feriu o meu coração. E quantas vezes muitos cristãos se comportam assim.

A realidade deve estar unida à aparência. Devo parecer o que sou. Este é o trabalho da Quaresma. E devemos ir em frente deste modo. “Mas, Padre, não consigo, sou frágil...”. Bem, esta é a tua verdade, obrigado por a dizeres. Pede ao Senhor a força e vai humildemente em frente, com o que puderes. Mas não disfarces a alma, porque se disfarçares a alma, o Senhor não te reconhecerá.

Peçamos ao Senhor a graça de sermos coerentes, de não sermos vaidosos, de não parecermos mais dignos do que somos. Peçamos esta graça, nesta Quaresma: a coerência entre o formal e o real, entre a realidade e as aparências.

## Quem é generoso não julga

Segunda-feira, 18 de março de 2019)

*(Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 13 de 26 de março de 2019)*

Julgar e condenar, quase como se todos fôssemos «juízes», esquecendo-nos sempre do perdão, é um hábito ao qual já não prestamos atenção. Mas a Quaresma poderia ser a ocasião para viver um novo método nas relações com os outros, privilegiando totalmente a misericórdia e a generosidade. «Quando Abraão pede um conselho a Deus sobre o modo como levar a vida sem errar, o Senhor diz-lhe: “Caminha na minha presença e sê irrepreensível”» recordou o Pontífice no início da homilia. Portanto, «devemos levar a vida na presença de Deus e isto é um conselho que nos ajuda muito: caminhar diante dos olhos do Pai, imitar o Pai, imitar Deus».

Referindo-se ao trecho evangélico de Lucas proposto pela liturgia (6, 36-38), Francisco observou que «há um mandamento, digamos, de Jesus, um conselho, mas um conselho que é muito difícil de concretizar: “Sede misericordiosos, como o vosso Pai é misericordioso”». Porque «Deus é todo misericórdia, todo misericórdia». Mas «alguém poderia dizer: “Padre, é justo?” — “Sim, mas a sua justiça é uma só com a sua misericórdia”». Portanto, insistiu o Papa, «poderás cometer erros na vida, mas se te aproximares de Deus e olhares para ele, Ele com a sua misericórdia perdoate, recebe-te».

«A misericórdia de Deus — repetiu o Papa — é algo tão grande, muito grande. Não nos esqueçamos disto». Na realidade «quantas pessoas dizem: “cometi erros; comprei o meu lugar no inferno, não poderei voltar atrás”». Estas pessoas devem pensar «na misericórdia de Deus». E Francisco exortou a recordar «a história da viúva pobre que se foi confessar ao cura d'Ars. O marido suicidou-se lançando-se da ponte num rio. Ela chorava. Disse: “sou uma pecadora, uma pobre coitada. Mas coitadinho do meu marido! Está no inferno! Suicidou-se e o suicídio é pecado mortal. Está no inferno”. E o cura d'Ars disse: “Tranquilize-se senhora, porque há a

misericórdia de Deus”». De facto, acrescentou o Papa, «até ao fim há a misericórdia de Deus. É muito grande! E Jesus disse: “Sede misericordiosos como Ele”. Sempre com esta atitude».

O excerto do Evangelho de Lucas, afirmou o Pontífice, «indica-nos três aspetos para compreendermos melhor como sermos misericordiosos ou para nos pormos no caminho para sermos misericordiosos». Antes de tudo diz-nos: “Não julgueis e não sereis julgados”. Não nos parece uma coisa má — julgar os outros — contudo é um comportamento horrível. É uma atitude que se insere na nossa vida sem que nos demos conta. Sempre! Até para iniciar uma conversa: “Viste o que ele fez?”». Eis «o juízo sobre o outro».

Francisco convidou a pensar «em quantas vezes por dia julgamos. Parecemos todos juizes! Todos! Sempre, para iniciar um diálogo, um comentário sobre outra pessoa: “Mas olha, fez uma cirurgia estética! Está pior do que antes”. Sei que não fazeis estas coisas; outros fazem, sempre e imediatamente o juízo». Por exemplo: «Compraram uma casa nova. Gastaram muito dinheiro. Seria melhor que fosse gasto noutras coisas». E assim por diante, prosseguiu o Papa, «sempre julgando os outros: pensemos nas vezes em que julgamos sem nos darmos conta. É um hábito: vem espontâneo, até inconscientemente».

«Nesta Quaresma estejamos atentos a isto» propôs o Pontífice. «Se eu quiser ser misericordioso como o Pai, como Jesus me disse, devo pensar: quantas vezes por dia julgo? E não sereis julgados. O que faço aos outros, eles farão a mim! E no fim o Senhor fará a mim». Certamente, insistiu, «um bom exercício para a Quaresma seria não julgar, mas antes de tudo tomar consciência deste “método” coloquial, que usamos nos diálogos diários, de julgar sempre alguém».

A segunda expressão que se encontra no trecho de Lucas é: «Não condeneis e não sereis condenados». De resto, observou Francisco, «muitas vezes vamos além do juízo: “Esta pessoa nem sequer merece que a cumprimente”. E condeno, condeno, condeno. Também nós condenamos muito. E esta atitude de condenar sempre vem espontânea. É terrível».

Face a este modo de agir, o Papa questionou-se: «O que nos diz Jesus? Se tens este hábito de condenar — explicou — pensa que tu serás condenado, porque com este comportamento fazes com que o Senhor veja como Ele se deve comportar contigo».

A terceira expressão que o Evangelho nos propõe: «Perdoai e sereis perdoados». Mesmo se, reconheceu o Pontífice, «é muito difícil perdoar. Muito difícil. Mas também é um mandamento que nos detém diante do altar, antes da comunhão». Porque «Jesus diz: “Se tens algo contra o teu irmão, antes de ir ao altar, reconcilia-te com o teu irmão”. Perdoar».

«Inclusive no Pai-Nosso — afirmou o Papa — Jesus ensinou-nos que esta é uma condição para obter o perdão de Deus. “Perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos quem nos tem ofendido”. Damos a medida a Deus de como se comportar connosco».

«Não julgueis, não condeneis, perdoai e assim sereis misericordiosos como o Pai. Este é o conselho do Evangelho de hoje» repetiu Francisco. Mas «não é fácil, porque nas conversas diárias nós julgamos continuamente, condenamos sempre e dificilmente perdoamos: “Padre, como se faz para ter esta atitude tão generosa de não julgar, nem condenar mas perdoar? Como se faz?”». Eis a sugestão do Papa: «O Senhor ensina-nos: “Doai”. “Doai e ser-vos-á doado”: sede generosos em doar. Não sejais “avarentos”; sede generosos ao dar aos pobres, a quantos têm necessidade e também ao dar outras coisas: conselhos, sorrisos, sorrir. Dar sempre».

«Dai e ser-vos-á dado» foi a atitude que o Pontífice propôs. E certamente «“ser-vos-á dado numa boa medida, cheia e transbordante”, porque o Senhor será generoso: se dermos um e Ele dar-nos-á cem de tudo o que dermos. Esta é a atitude que fortalece o não julgar, o não condenar e o perdoar». Eis então «a importância da esmola, mas não só a esmola material, também a espiritual: dedicar tempo ao próximo que tem necessidade, visitar um doente, sorrir. Muitas coisas. Esta é a esmola espiritual».

«Vamos em frente nesta Quaresma — propôs Francisco — pelo menos tentando não condenar os outros nas nossas conversas, não julgar e perdoar, e para que o Senhor nos conceda esta graça, pois é uma graça que o Senhor nos concederá se a pedirmos e fizermos um esforço para sermos generosos com os outros». E assim «sermos generosos na esmola, com o tempo, com a atitude, ser generosos sempre com os outros: primeiro os outros, depois nós». Concluindo o Papa formulou votos para «que o Senhor nos ensine esta sabedoria que não é fácil, mas com a sua graça poderemos levá-la em frente».

## Fidelidade sem meias-medidas

Quinta-feira, 28 de março de 2019)

*(Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 16 de 16 de março de 2019)*

A questão da «fidelidade a Deus» é crucial. Assim como a decisão de estar «com Ele ou contra Ele» porque não há meios-termos. O Papa Francisco abordou sem rodeios a essência das escolhas fundamentais de cada pessoa.

«Pedimos juntos esta exortação do Senhor à conversão: “Escutai hoje a voz do Senhor: não se endureça o vosso coração”» afirmou o Pontífice referindo-se ao salmo responsorial. «Porque muitas vezes somos surdos — acrescentou — e não ouvimos a voz do Senhor. Sim, ouvimos o telejornal, os mexericos do bairro: isto sim, ouvimos sempre. A voz do Senhor, muitas vezes, permanece desconhecida». Mas, especificou, «sem ouvir a voz do Senhor, o nosso coração torna-se como a terra árida: sem água. Dias, meses, anos sem água. Fica ressequida. Por isso o Senhor diz: “Não se endureça o vosso coração”».

«Quando o Senhor faz este convite — afirmou o Pontífice, referindo-se ao excerto do profeta Jeremias (7, 23-28) — fala de experiência, e a primeira leitura oferece-nos uma descrição desta experiência de Deus diante do seu povo teimoso, que não o quer ouvir». E pronunciando estas palavras o Papa até bateu a mão sobre o atril, precisamente para fazer compreender o seu pensamento: a teimosia do homem que se considera «autossuficiente». «É a lamentação do Senhor — observou — neste trecho do profeta Jeremias: “A única ordem que lhes dei foi esta: ‘Ouvi a minha voz e Eu serei o vosso Deus e vós sereis o meu povo”». É uma «promessa». Mas «o que faz o povo?». Escreve Jeremias: «Eles, porém, não me ouviram, não me prestaram atenção; endureceram a sua cerviz».

Neste ponto Francisco sugeriu que «cada um de nós ouça o que o Senhor diz do povo e pense se não se comportou deste modo». Lê-se no trecho de Jeremias: «Seguiram os maus conselhos dos seus corações

empedernidos; viraram-me as costas». Como para dizer: «Não, o Senhor nada conta: prefiro isto, aquilo. Sim, Deus está ali mas faço do meu modo».

Depois, prosseguiu o Papa, «Jeremias faz a descrição: “Desde o dia em que os vossos pais saíram do Egito até hoje, Eu vos enviei todos os meus servos, os profetas, dia após dia. Eles, porém, não me ouviram”». Talvez eles tenham respondido: «sim, sim: amanhã te ouviremos». Prossegue Jeremias: «Endureceram a sua cerviz e agiram pior que os seus pais». E também: «Tudo isto lhes transmitirás, mas não te escutarão. Chamá-los-ás e não te responderão. E o Senhor termina com esta triste declaração que é um testemunho de morte: “A sua lealdade desapareceu”».

É «um povo sem fidelidade, que perdeu o sentido da fidelidade», reiterou o Pontífice. E «esta é a pergunta que hoje a Igreja quer que nos façamos, cada um: perdi a fidelidade ao Senhor? — Não, não, vou à missa todos os domingos — sim sim mas aquela fidelidade do coração: perdi a lealdade ou o meu coração endureceu, é obstinado, é surdo, não deixa o Senhor entrar, desenrasca-se sozinho com três ou quatro coisas e depois faz o que quer?». Esta, afirmou o Papa, «é uma pergunta para cada um de nós: todos devemos formulá-la, porque a Quaresma serve para isto, para cultivar de novo o nosso coração».

«“Escutai hoje a voz do Senhor” é o convite da Igreja, “não endureça o vosso coração”» prosseguiu Francisco. De resto, explicou, «quando alguém vive com o coração duro, sem ouvir o Senhor, não só não o ouve; de facto, há algo do Senhor que não lhe apraz, deixa de lado o Senhor com algum pretexto, desacredita o Senhor, calunia-o, difama-o».

A propósito, o Pontífice referiu-se ao trecho do Evangelho de Lucas (11, 14-23) proposto pela liturgia: «É aquilo que aconteceu a Jesus com o povo: Jesus realizava milagres, curava os doentes para mostrar que tinha poder de cura também das almas, dos nossos corações. E estes obstinados o que disseram? “É por meio de Belzebu, chefe dos demónios, que ele expulsa os demónios”».

«Desacreditar o Senhor — prosseguiu — é o penúltimo passo desta rejeição ao Senhor: não o ouvir, deixar que o coração se endureça como a terra que não é regada há anos, e depois desacreditá-lo: “Mas não, este milagre, é um feiticeiro” diziam de Jesus; “faz tudo com o poder do diabo, como todos os bruxos”».

Portanto, «desacreditar Jesus». E depois «só falta o último passo, do qual não há retorno, que é a blasfêmia contra o Espírito Santo». No Evangelho vê-se que «Jesus procura convencê-los». Mas eles não o ouvem. A ponto que «no final, assim como o profeta acaba com aquela frase clara — “a lealdade desapareceu” — Jesus termina com outra frase que pode ajudar-nos: “Quem não está comigo está contra mim”». Com clareza o Papa recordou que não se pode dizer: «“Não, não, eu estou com Jesus, mas a uma certa distância, não me aproximo muito”. Não, não pode ser assim. Ou estás com Jesus ou estás contra Ele; ou és fiel ou és infiel; ou tens o coração obediente ou perdeste a fidelidade».

«Cada um de nós — sugeriu Francisco — pense hoje durante a missa e também durante o dia, pense: como está a minha fidelidade? Eu, para rejeitar o Senhor, procuro algum pretexto, alguma coisa e desacredito o Senhor?». Por isso não podemos «perder a esperança e estas duas expressões — “a fidelidade desapareceu” e “Quem não está comigo está contra mim” — ainda deixam espaço à esperança e a nós».

No final da homilia o Pontífice propôs «uma última palavra que ouvimos na aclamação ao Evangelho: “Retornai a mim com todo o coração, diz o Senhor, porque sou misericordioso e piedoso”». Então, insistiu, «o teu coração está empedernido, está duro. Sim, muitas vezes, desacreditaste-me por não me obedeceres, talvez até me tenhas caluniado. Mas ainda há tempo: “Retornai a mim com todo o coração, diz o Senhor, porque sou misericordioso e piedoso: esquecerei tudo. O importante é que venhas a mim. Isto é o que importa, diz o Senhor”. E assim esquece o resto». Portanto, concluiu Francisco, «este é o tempo da misericórdia, é o tempo da piedade do Senhor: abramos o coração para que Ele venha a nós».

## **Braço de ferro com Deus**

Quinta-feira, 4 de abril de 2019)

*(Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 18 de 30 de abril de 2019)*

Rezar seriamente significa até fazer «braço de ferro» com Deus ou «balbuciar»: o importante é que não nos comportemos como papagaios arranjando-nos com duas palavrinhas «vazias». E «estou a fazer o melhor» foi a expressão escolhida pelo Papa para indicar a atitude certa na oração, assim como em qualquer outro aspeto da vida «porque para rezar é preciso coragem»: eis a sugestão do Pontífice na celebração na qual estava presente, privadamente, também o presidente da República italiana, Sergio Mattarella.

«Durante a Quaresma, preparamo-nos para a Páscoa com três obras: a oração, o jejum e a caridade», afirmou o Pontífice. «Hoje na primeira leitura — observou, referindo-se ao trecho do livro do Êxodo (32, 7-14) — a Igreja fala-nos da oração e especialmente da oração de intercessão: isto é, a intercessão de Moisés. O Senhor, podemos dizer, irou-se: “Agora, deixa-me; a minha cólera vai inflamar-se contra eles e destruí-los-ei” assim Deus diz a propósito do povo que fez um bezerro de ouro». E «Moisés, que deseja salvar o povo, porque se sente um deles, começa a rezar, ou seja, a convencer o Senhor para não os punir».

É «a oração de intercessão, mas com persuasão e fala-lhe como um mestre ao discípulo: “Moisés implorou ao Senhor, seu Deus, dizendo-lhe: «Por que, Senhor, a tua cólera se inflamará contra o teu povo, que fizeste sair do Egito com tão grande poder e com mão tão poderosa? Não é conveniente que se possa dizer no Egito: “Foi com má intenção que Ele os fez sair, foi para os matar nas montanhas e suprimi-los da face da Terra!”. Não te deixes dominar pela cólera e abandona a decisão de fazer mal a este povo”».

Portanto Moisés, explicou o Papa, «começa a persuadir Deus, com mansidão, mas também com firmeza: “Recorda-te de Abraão, de Isaac e de

Israel, teus servos, aos quais juraste por ti mesmo: tornarei a vossa descendência tão numerosa como as estrelas do céu e concederei à vossa posteridade esta terra de que falei”». E «assim recorda a Deus as suas promessas, como se dissesse “mas, Senhor, não faças má figura, tu fizeste isto”. É uma oração de intercessão».

«O Senhor, quando fala a Moisés da sua ira, faz-lhe uma promessa: “Farei de ti uma grande nação”. Mas Moisés: “Não, ou com o povo ou nada. Se tu fizeres morrer este povo, matas-me também a mim”». Esta é «a intercessão com a persuasão. É um modo de interceder. E na Bíblia há muitos exemplos de intercessão: o de Abraão, quando o Senhor lhe diz que destruirá Sodoma. E Abraão, um homem que lutou durante a vida, que tinha um sobrinho que vivia lá, queria salvá-la. E não o faz com a persuasão mas com a negociação, como faz uma dona de casa com o preço quando vai ao mercado: negocia. Diz: “Mas, Senhor, espera um pouco... se fossem 40 justos, se fossem 40, não destruirei”. Depois, faz as contas e verifica que não são. “Mas desculpa-me Senhor, e se fossem 30?”. “Não destruirei”. “E se fossem 20, se...”. No final, dá-se conta de que só a família do seu sobrinho é justa. Este é outro modo de interceder: negociar com o Senhor. Assim faz Abrão a sua oração».

«Na Bíblia há muitos casos — prosseguiu Francisco — mas pensemos noutra modo de interceder: pensemos em Ana, a mãe de Samuel que, em silêncio, balbucia em voz baixa, move os lábios e permanece ali a rezar, a rezar, a rezar, balbuciando diante do Senhor, a ponto que o sacerdote que estava presente e a observava pensou que ela estivesse bêbada. Ela pedia um filho ao Senhor: a angústia de uma mulher; mas ali, diante de Deus, intercede. Depois outra senhora no Evangelho, também corajosa, a cananea, que não usa a persuasão, nem a negociação, nem a insistência silenciosa. Quando Jesus lhe diz: “Não posso, porque sou para aqueles do povo de Israel. Não posso dar o pão aos cãesinhos”. Ela não desanima: “Mas os cãesinhos também comem as migalhas do pão que caem no chão”. E recebe o que quer».

O Pontífice recordou que «na Bíblia há muitos exemplos de oração de intercessão, com diversas modalidades. É verdade, é preciso coragem para

rezar assim, porque na oração devemos ter coragem. Aquela parrésia, aquela coragem de falar cara a cara com Deus. E às vezes, quando alguém como este povo debate com o Senhor para obter algo, podemos pensar que o faz como se fosse um braço de ferro com Deus, e desta forma alcança o que pede: porque está convicto, tem fé em que o Senhor possa conceder a graça».

«É preciso muita coragem para rezar assim — insistiu o Papa — e nós ao contrário muitas vezes somos tíbios. Alguém nos diz: “Reza porque tenho este problema...”. Sim, rezo dois “Pai-Nossos”, duas “Ave-Marias”, e esqueço-me... Não, a oração do papagaio não está bem. A verdadeira prece é esta: com o Senhor. E quando tenho que interceder, devo fazê-lo com coragem».

«As pessoas, na linguagem comum, usam uma expressão que a mim diz muita coisa, quando querem obter uma graça: “estou a fazer o melhor”» afirmou o Pontífice. «Na oração de intercessão isto é válido também: “estou a fazer o melhor”. A coragem de ir em frente. Mas talvez depois surja uma dúvida: “Faço isto mas como sei que o Senhor me ouve?”. Temos uma segurança: Jesus. Ele é o grande intercessor. Ele subiu ao Céu, está diante do Pai a interceder por nós. Ele faz a oração de intercessão continuamente. Antes da Paixão, tinha dito a Pedro: “Pedro, Pedro, rezarei por ti, para que a tua fé não desfaleça”. Eis a intercessão de Jesus: Ele reza por nós, neste momento. E quando rezo, quer com a persuasão, com a negociação, quer balbuciando, quer debatendo com o Senhor, é Ele que recolhe a minha prece e a apresenta ao Pai».

«Jesus não tem necessidade de falar diante do Pai: mostra-lhe as suas chagas» reiterou o Pontífice. «O Pai vê as chagas e concede a graça. Quando rezarmos, pensemos que o fazemos com Jesus. Quando recitarmos a oração de intercessão corajosa, façamo-lo com Jesus: Ele é a nossa coragem, Jesus é a nossa segurança, que neste momento intercede por nós».

«Que o Senhor nos conceda a graça de empreender este caminho, de aprender a interceder» desejou o Papa. E «quando alguém nos pedir para rezar, não o façamos com duas oraçõezinhas vazias, não: façamo-lo

seriamente, na presença de Jesus, com Jesus, que intercede por todos nós  
diante do Pai».

## **Não ceder ao fracasso**

Terça-feira, 9 de abril

É possível preferir o «fracasso», a «desolação» ou o «cansaço» em vez da «cura», da «consolação» e da «esperança»? Pode parecer estranho, mas é o que com frequência acontece na vida do cristão que se deixa levar pela lamentação e «insatisfação». Inspirando-se na primeira leitura do dia (Nm, 21 4-9) — com a narração da análoga experiência vivida pelos israelitas nos tempos difíceis do êxodo e do deserto — o Papa afirmou que isto é uma verdadeira «doença» espiritual, analisando e comparando-a com os nossos dias esta dilacerante atitude do coração do homem. O trecho bíblico faz realmente «refletir sobre o cansaço» do povo de Deus que, a caminho da terra prometida, «não aguentou a viagem». A tal propósito o Pontífice recordou a evolução psicológica e espiritual dos israelitas em fuga do Egito.

«Começaram com entusiasmo», acreditando em Moisés: «prepararam o cordeiro, os pães, tudo, para fugir: tinham esperança». Depois veio «a alegria da saída do Egito», e em seguida «à beira-mar, o medo». Com efeito, eles «viam o exército chegar e começaram a insultar Moisés: “Trouxe-nos aqui para nos matar!”». Mas o medo, rapidamente, graças ao «milagre do mar», transformou-se na «alegria da libertação, e foram em frente».

Depois, chegaram os tempos difíceis do deserto e com eles o «cansaço»: o povo não aguentou o caminho». Assim, se antes «no tempo da libertação» todos estavam contentes», naquele momento «começaram as murmurações contra Moisés: “Mas, ele fez-nos vir aqui para que morrêssemos no deserto — Mas nós no Egito estávamos mais felizes: comíamos aquela omeleta de cebolas tão boa e aqui só esta coisa estranha...”». Uma evolução explicada pelo Papa: «Tinham perdido a memória. O cansaço é seletivo: faz-nos ver sempre o lado negativo do momento que estamos a viver e esquecer os aspetos positivos que tivemos».

Com a murmuração chega também «o afastamento de Deus». Os israelitas esquecem-se até que precisamente o Senhor os tinha libertado: «eles implicam com Moisés, lamentam-se com o Senhor, e chegam até à

apostasia». Também as «joias que as mulheres israelitas tinham — digamos — “roubado” com astúcia e dolo às egípcias, acabaram por ser um ídolo». Foi assim que «o dom de Deus» foi transformado «num ídolo». Tudo isto, frisou o Pontífice, porque o «espírito de cansaço nos tira a esperança».

Mas, acrescentou Francisco, o «que aconteceu aos nossos pais no deserto sucede a nós nos tempos da desolação, quando não se veem os resultados da promessa imediatamente». Então «o povo não aguentou a viagem»; e também hoje «nós, quando estamos na desolação, não suportamos a viagem e procuramos refúgio nos ídolos ou na murmuração, ou noutras coisas». De resto, o «espírito de cansaço» traz em si também «o espírito de insatisfação. Nada nos agrada, tudo corre mal...».

Também Jesus, observou o Papa, se referiu a este «espírito de insatisfação» (cf. Lc 7, 32) comparando-o com o que acontecia com algumas crianças que brincavam: «Tocámos flauta para vós, e não dançastes! Entoámos lamentações, e não chorastes!». Do mesmo modo se exprime a «insatisfação do cristão» que se lamenta sempre: «Não, nada corre bem...». Uma atitude interior que, afirmou Francisco, «é um campo perfeito para a sementeira do diabo». Nesta situação o homem torna-se incapaz até de perceber «um sinal de esperança». Para fazer compreender melhor esta condição, o Pontífice deu o exemplo do que aconteceu aos discípulos de Emaús, que deixaram Jerusalém depois de as mulheres terem dito que o Senhor ressuscitou: «...vamo-nos embora, isto não está bem». Ou seja, preferiram a «desolação», como emerge da sua expressão: «“Ah, esperávamos, mas... Não está aqui, “mas”: vamos embora»».

Esta, explicou o Papa, é precisamente a «desolação cristã»: ser tentado por «ceder ao fracasso», ter «medo das consolações, medo da esperança, medo das carícias do Senhor». E assim, acrescentou, muitos cristãos poderiam levar «uma vida de carpideira»: eles «vivem a lamentar-se, a criticar, vivem na murmuração e insatisfeitos».

A narração bíblica afirma que «o povo não aguentou a viagem». E também «nós cristãos — disse Francisco — muitas vezes não suportamos a viagem. E a nossa preferência é o apego ao fracasso, à desolação. E a desolação é da serpente, a serpente antiga, a do Paraíso terrestre». A serpente, explicou o Papa, aludindo à serpente de bronze elevada por

Moisés, é um símbolo: «a mesma serpente que seduziu Eva e este é um modo de mostrar a serpente que têm dentro» e que morde «sempre na desolação». Também os cristãos às vezes «não suportam nem sequer a ressurreição de Jesus. Não suportam a esperança. Muitas vezes preferem o fracasso. Acontece também a nós».

Assim o que Deus diz a Moisés — «fazer uma serpente e elevá-la» — «é uma profecia», porque também Jesus — lê-se no excerto do Evangelho do dia (Jo 28, 1-30) — «será elevado como a serpente. Ele assumiu sobre si todos os males».

Portanto, sugeri o Papa, é preciso recordar bem a observação do trecho bíblico — «o povo não suportou a viagem» — para nos darmos conta de que também os cristãos «não aguentam a viagem. Os cristãos não suportam a esperança. Não suportam a cura. Não suportam a consolação» e estão «mais apegados à insatisfação, ao cansaço, ao fracasso». Eis a invocação conclusiva de Francisco: «O Senhor nos liberte desta doença».

## No pequeno e no grande

Sexta-feira, 10 de maio de 2019)

*(Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 24 de 11 de junho de 2019)*

O rosto de uma Igreja com as portas abertas, à escuta de Deus e amorosamente engajada no serviço pela dignidade da pessoa, «perseverante» em fazer «coisas grandes» também através do compromisso diário nas «coisas pequenas», caracterizou a meditação do Papa que, na homilia, se inspirou não só na narração da vocação de São Paulo — no centro da primeira leitura do dia (At 9, 1-20) — mas também na presença, na capela, de algumas religiosas da família apostólica de São José Cottolengo que celebram o cinquentenário de vida religiosa.

A narração da conversão de Paulo, explicou o Pontífice, marca uma «mudança, um virar a página na história da salvação», a ponto que, frisou, ocorre várias vezes no Novo Testamento. Com efeito, «é um abrir a porta aos pagãos, aos gentios, àqueles que não eram israelitas». Uma novidade tão grande, a da «Igreja dos pagãos», que «desnor-teou os discípulos», os quais «não sabiam o que fazer e o Espírito Santo teve que intervir com sinais fortes». A este propósito Francisco evocou também o episódio da conversão do centurião Cornélio (capítulo 10 dos Atos dos Apóstolos). Em síntese, «a conversão de Paulo é como uma porta aberta para a universalidade da Igreja».

Mas como devem os cristãos encarnar esta Igreja de portas abertas? O Papa frisou duas características tiradas precisamente do «modo de ser» de Paulo. «Sabemos que Paulo era um homem forte, um homem apaixonado pela lei, por Deus, pela pureza da lei, mas era honesto, coerente». Até o seu perseguir os cristãos antes da conversão era fruto do «zelo que tinha pela pureza da casa de Deus, pela glória de Deus». Mas ele era «um homem aberto a Deus, aberto à voz do Senhor» e, capaz de arriscar por ela: «Arriscava, arriscava, ia em frente».

Uma coerência que era enriquecida por «outro aspeto do seu comportamento»: Paulo «era um homem dócil», o seu «temperamento era teimoso», mas «a sua alma não era teimosa, estava aberta às sugestões de Deus». E assim este homem que «com fervor» antes se dedicava «a matar os cristãos e a aprisioná-los», depois de ter ouvido a voz do Senhor torna-se «como uma criança e deixa-se levar». O Papa sintetizou com características breves a trepidação dos primeiros tempos depois da conversão: Paulo «deixa-se levar a Jerusalém, jejua três dias, aguarda que o Senhor diga... Todas aquelas convicções que tinha permanecem silenciadas, aguardando a voz do Senhor: “que devo fazer, Senhor?”. Ele vai a Damasco, para se encontrar com outro homem dócil e deixa-se catequizar como uma criança, deixa-se batizar como uma criança». Dócil a ponto que quando recuperou as forças, Paulo continua em silêncio: «Vai à Arábia para rezar, por quanto tempo não sabemos, talvez anos, não sabemos». Eis as características paulinas propostas ao cristão de hoje: «Abertura à voz de Deus e docilidade».

Uma passagem para a contemporaneidade que o Papa Francisco ilustrou precisamente graças à presença das irmãs do Cottolengo, às quais se tinha dirigido anteriormente de maneira direta — «Obrigado pela escuta da voz de Deus e pela docilidade. Talvez nem sempre sejais dóceis... Talvez tenhais repreendido a superiora ou falado mal de outra... mas a vida é assim...» — frisando em seguida precisamente o seu precioso testemunho de docilidade ao Senhor: «Não compreendemos facilmente o que é o Cottolengo... Eu recordo a primeira vez que o visitei nos anos 70, não esqueço, nem sequer a irmãzinha que me acompanhava, chama-se Felice, ainda me recordo o nome. E ela antes de abrir uma porta disse-me: “Tem coragem para ver coisas desagradáveis?”. E depois, antes de passar para outro quarto: “Tem coragem de ver coisas ainda mais desagradáveis?”. A vida inteira ali, entre os descartados, disseminados precisamente ali».

E de novo, dirigindo-se às religiosas, acrescentou: «Perseverança, coração aberto para ouvir a voz de Deus e docilidade: sem isto, não teríeis podido fazer o que fizestes». Uma capacidade que «é um sinal da Igreja». E acrescentou: «Gostaria de agradecer hoje, através de vós, a tantos homens e mulheres corajosos, que arriscam a vida, que vão em frente, que procuram

até caminhos novos na vida da Igreja. Procuram vias novas! “Mas, padre, não é pecado?”. Não, não é pecado! Procuremos caminhos novos, isto far-nos-á bem a todos! Sob a condição de que sejam as vias do Senhor. Mas ir em frente: em frente na profundidade da oração, na profundidade da docilidade, do coração aberto à voz de Deus».

Esta é a maneira de «fazer as verdadeiras mudanças na Igreja, com pessoas que sabem lutar no pequeno e no grande». A este respeito, o Papa abordou aquela «tensão» que por vezes se sente «entre o pequeno e o grande», em relação à qual há quem diga: «“Não, não faço estas coisas pequenas, eu nasci para coisas grandes”. Erras!, e, ao contrário, quem afirma: «“Ah, eu não consigo fazer coisas grandes, faço pequenas”. És um pusilânime». O pequeno e o grande, ao contrário, «caminham juntos» e «um cristão deve ter este carisma, do pequeno e do grande». Como se lê, «no túmulo de um grande santo», onde está escrito: «Não se assustar por fazer coisas grandes e ao mesmo tempo ter em consideração as coisas pequenas». Por conseguinte, dirigindo-se às religiosas, acrescentou: «Vós nunca teríeis podido fazer o que fizestes no Cottolengo, todos os dias, se não tivésseis tido a coragem de ouvir o pequeno de cada dia, a docilidade e o coração aberto a Deus».

E concluiu: «Peço a Paulo hoje por todos nós que estamos aqui, pelos sacerdotes eritreus — e obrigado pelo vosso trabalho pastoral na Itália, obrigado por fazerdes um bom trabalho, são tantos os vossos concidadãos — a graça da docilidade à voz do Senhor e do coração aberto ao Senhor; a graça de não recear de fazer coisas grandes, de ir em frente, sob a condição de ter a delicadeza de cuidar das coisas pequenas».

## **A paz que faz sorrir o coração**

Terça-feira, 21 de maio de 2019)

*(Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 24 de 11 de junho de 2019)*

A paz é o «grande dom de Jesus», o «dom de despedida» deixado aos discípulos — «Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz» — e o tesouro precioso que distingue o cristão. É a paz verdadeira, não a banal tranquilidade, mas a paz «profunda», que «faz sorrir o coração» até «durante todas as provações, dificuldades, “tribulações”» que se encontram na vida.

Inspirando-se no Evangelho do dia (*Jo 14, 27-31*), o Papa refletiu sobre o «grande dom de Jesus, a todos nós, aos discípulos: viver em paz. Viver em paz no coração, na consciência, viver em paz na família, na comunidade, viver em paz», relacionando-o imediatamente com outra realidade que parece contrastante, a das tribulações. Também nisto, a inspiração veio da liturgia da Palavra, com o trecho dos Atos dos Apóstolos (14, 19-28) no qual se narra de Paulo que é apedrejado e perseguido em Listra, e afirma: «Devemos entrar no reino de Deus através de muitas tribulações».

Perante «tantos sofrimentos», o Pontífice perguntou-se: «Mas onde está a paz de Jesus?». Neste sentido acrescentou a recordação do momento em que «o Senhor Jesus revela a Ananias o mistério de Paulo» e «diz-lhe: “Ele deverá sofrer muito por mim”. Mostrar-lhe-ei estes sofrimentos».

Eis, então, a dúvida: «Mas a paz de Jesus e estas tribulações que parecem ser caminho para entrar no reino de Deus: como podem estar relacionadas estas duas coisas?». E o Papa observou que não se trata só de uma copresença mas é «ainda mais». Com efeito «esta vida de perseguição, de tribulação» que «parece ser uma existência sem paz», ao contrário, é «uma bem-aventurança». Diz isto o próprio Jesus, que termina as bem-aventuranças com estas palavras: «Felizes sereis quando disserem mal de vós, vos insultarem, vos perseguirem». Portanto, considerou o Pontífice, «a

paz de Jesus, caminha com esta vida de perseguição, de tribulação». Mas qual paz?

Trata-se, explicou Francisco, de «uma paz que está muito abaixo de todas as coisas, é muito profunda. Uma paz que ninguém pode tirar, uma paz que é um dom, como o mar que na profundidade é tranquilo e na superfície tem ondas». E «viver em paz com Jesus é ter esta experiência dentro, que permanece durante todas as provações, dificuldades, “tribulações”».

Nesta perspectiva, acrescentou o Pontífice, compreende-se como os santos «no momento do martírio» não perderam a paz: «Pensai — disse — em Felicidade, Perpétua, nestas jovens, Inês. Dizem as testemunhas que iam para o martírio como “se fossem para as núpcias”. Mas, sofriam...». Ou ainda o «velho Policarpo» que no fogo dizia: «Não, não, não... não me pagueis: não fugirei».

Esta paz, «a paz de Jesus», evidenciou o Papa, «é um dom» e «não a podemos obter por meios humanos, indo a um médico que nos dê a paz ou tomando tranquilizantes». Isto é muito diferente: «é o Espírito Santo dentro de nós e este Espírito Santo concede-nos a fortaleza».

Para fazer compreender melhor este conceito, Francisco acrescentou uma experiência pessoal: «Na semana passada tive a possibilidade de ir visitar um doente, um homem que trabalhou muito, que trabalhava bem, a sua vida estava bem, tudo corria bem, e de repente, em três dias, uma doença grave que não sabemos como acabará. Mas ele estava em paz. Confidenciou-me: “Estou assim, o Senhor saberá. Vossa Santidade reze por mim”». E comentou: «Um cristão é isto», um homem ao qual «todos os planos e projetos» são alterados pela doença, mas no qual «a paz permanece sempre».

Porque a paz, a de Jesus, «nos ensina a ir em frente na vida». «Ensina-nos a suportar». A este propósito o Papa refletiu sobre o significado do termo “suportar”: «uma palavra cujo significado não compreendemos bem», mas que é «muito cristã, significa carregar sobre os ombros». Isto é:

«carregar nos ombros a vida, as dificuldades, o trabalho, tudo, sem perder a paz». E mais: «carregar nos ombros e ter a coragem de ir em frente». Mas só se entende isto «quando temos o Espírito Santo dentro que nos concede a paz de Jesus».

De facto, acontece que os homens, no atual modo de viver, muitas vezes se encontram num estado de «nervosismo explosivo, nervosos: “O que acontecerá, o que devo fazer, estou atarefado...”». Em certos casos, pode-se fazer tudo, carregar-se de compromissos «mas sem perder a paz». Porque se tudo isto «me fizer perder a paz, alguma coisa não funciona. Mas se pudermos fazer tudo sem perder a paz, tudo está a correr bem».

Por conseguinte, é preciso pedir ao Senhor «este dom da paz». Foi Ele, explicou o Pontífice, que no-lo prometeu: «Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz, mas não como aquela que o mundo dá». Uma promessa que explica a própria natureza do dom: «O mundo oferece outra paz: está tranquilo, tens dinheiro no banco, nada te falta, podes ir em frente, fica tranquilo». Ao contrário, a paz de Jesus vai além, «vai até às dificuldades mais graves» e «permanece lá. É a paz que a coragem de ir em frente te dá, a paz que te faz sorrir o coração».

De resto — disse Francisco naquela que ele mesmo definiu um pequeno acréscimo à meditação sobre as leituras do dia — a «pessoa que vive esta paz nunca perde o sentido do humor. Sabe rir de si mesma, dos outros, aliás da própria sombra, ri-se de tudo...». Este sentido de humor, explicou, «está muito próximo da graça de Deus». E renovou a oração ao Senhor a fim de que «nos conceda esta paz que vem do Espírito Santo, a paz que é própria d'Ele e que nos ajuda a suportar, a carregar, muitas dificuldades na vida»: a paz de Jesus «na vida diária», «nas tribulações» e «com aquela pitada de sentido de humor que nos faz respirar bem».

## O cristão é sempre jovem

Terça-feira, 28 de maio de 2019)

*(Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 24 de 11 de junho de 2019)*

«Ou és jovem de coração, de alma, ou não és plenamente cristão». A homilia do Papa foi um verdadeiro hino à vida, à vitalidade, à «juventude do Espírito», contrastando a deriva cansada de muitas pessoas “reformadas” na alma, abatidas pelas dificuldades e pela tristeza porque «o pecado envelhece». Um vento de alegria fundado no «grande dom que Jesus nos deixou»: o Espírito Santo.

Ponto de partida da reflexão do Pontífice foi o trecho evangélico do dia (Jo 16, 5-11) que contém um excerto do discurso de despedida dos apóstolos durante a última Ceia. Nesta ocasião Jesus «diz muitas coisas», mas «o centro deste discurso é o Espírito Santo». De facto, o Senhor oferece aos seus amigos uma autêntica «catequese sobre o Espírito Santo»: começa notando o seu estado de ânimo — «Por Eu ter dito que vou embora, a tristeza encheu o vosso coração» — e «reprova-os suavemente» pois, observou o Papa, «a tristeza não é uma atitude cristã».

A inquietação interior dos apóstolos que, face ao drama de Jesus e à incerteza sobre o futuro «começam a compreender o drama da paixão» pode ser comparada com a realidade de cada cristão. A este propósito Francisco recordou que na oração da coleta do dia «pedimos ao Senhor que mantenha em nós a renovada juventude do espírito», elevando assim uma invocação «contra a tristeza na prece». É precisamente este, acrescentou, o ponto: «O Espírito Santo faz com que em nós haja sempre esta juventude, que se renova todos os dias com a sua presença».

Aprofundando este conceito, o Pontífice recordou: «Uma grande santa disse que um santo triste é um triste santo; um cristão triste é um triste cristão: não é bom». O que significa? Que «a tristeza não entra no coração do cristão», porque ele «é jovem». Uma juventude que se renova e que «faz carregar aos ombros muitas provações e dificuldades». O que —

explicou referindo-se à primeira leitura tirada dos Atos dos Apóstolos (16, 22-34) — aconteceu, por exemplo, a Paulo e Silas que foram espancados e presos pelos magistrados em Filipos. Naquele momento, disse o Papa, «entra o Espírito Santo e renova tudo, faz tudo novo; rejuvenesce até o carcereiro». Por conseguinte, o Espírito Santo é aquele «que nos acompanha na vida, que nos ampara». Como é manifestado pelo nome que lhe dá Jesus: «Paráclito». Um termo insólito, cujo significado com frequência muitos não compreendem. Sobre isto o Pontífice brincou narrando uma breve história relativa a uma missa que celebrara quando era pároco: «Havia mais ou menos 250-300 crianças, era um domingo de Pentecostes e então perguntei-lhes: “Quem sabe quem é o Espírito Santo?”. E todos: “Eu, eu, eu!” — “Tu”: “O parálítico”, disse-me. Ele ouviu “Paráclito” e não entendeu o que era» e então respondeu «paralítico». Uma pronúncia errada divertida que contudo, disse Francisco, revela uma realidade: «Muitas vezes pensamos que o Espírito Santo é um parálítico, que nada faz... E ao contrário é quem nos ampara».

Com efeito, explicou o Pontífice, «a palavra paráclito significa “aquele que está ao meu lado para me apoiar” para que eu não caia, para que vá em frente, a fim de conservar esta juventude do Espírito». Eis porque «o cristão é sempre jovem: sempre. E quando o coração do cristão começa a envelhecer, começa a diminuir a sua vocação de cristão. Ou és jovem de coração, de alma ou não és plenamente cristão».

Alguém poderia assustar-se com as dificuldades e dizer: «“Mas como posso...?»: há o Espírito. O Espírito ajudar-te-á nesta renovada juventude». Isto não significa que falem dores. Paulo e Silas, por exemplo, sofreram muito por terem sido espancados: «diz o texto que o carcereiro quando viu aquele milagre quis converter-se e levou-os a sua casa e cuidou das suas feridas com óleo... feridas graves, profundas...». Mas não obstante a dor, eles «estavam cheios de alegria, cantavam... Esta é a juventude. Uma juventude que te faz ver sempre a esperança».

E como se obtém esta juventude? «É preciso — disse o Papa — um diálogo diário com o Espírito Santo, que está sempre ao nosso lado». É o Espírito «o grande dom que Jesus nos deixou: este apoio, que te faz ir em

frente». E assim, a quem disser: “Sim, Padre, é verdade, mas o senhor sabe, sou um pecador, cometi muitas ações más na minha vida e não consigo...», podemos responder: «Está bem: olha para os teus pecados; mas olha para o Espírito que está ao teu lado e fala com o Espírito: ele será o teu apoio e dar-te-á a juventude». Porque, acrescentou, «todos sabemos que o pecado envelhece. Envelhece a alma, envelhece tudo. Ao contrário, o Espírito ajuda-nos a arrepender-nos, a deixar o pecado de lado e a ir em frente com aquela juventude».

Por isso Francisco exortou a pôr de lado o que ele definiu «tristeza pagã», explicando: «Não digo que a vida é um carnaval: não, pois não é verdade. Na vida há cruces, momentos difíceis. Mas nestes momentos difíceis sentimos que o Espírito nos ajuda a ir em frente, como ajudou Paulo e Silas, a superar as dificuldades. Até ao martírio. Porque há esta renovada juventude».

Para concluir a homilia eis o convite à oração: «Peçamos ao Senhor para não perder esta renovada juventude, para não sermos cristãos reformados que não sentem a alegria e não se deixam levar avante... O cristão nunca vai para a reforma; o cristão vive porque é jovem, quando é cristão verdadeiro».

## Serviço e gratuidade

Terça-feira, 11 de junho de 2019)

*(Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 25 de 18 de junho de 2019)*

«Serviço» e «gratuidade»: eis as duas palavras-chave ao redor das quais o Papa construiu a meditação de hoje. Elas são as características fundamentais que devem acompanhar o cristão «a caminho», disse o Pontífice, ao longo daquela via, daquele «ir» que sempre distingue a vida, «pois um cristão não pode permanecer parado».

O ensinamento provém do Evangelho: ali estão — como evidenciou o trecho de Mateus proposto pela liturgia do dia (10, 7-13) — as indicações de Jesus para os apóstolos que são enviados. Uma missão que, disse o Papa, é também a «dos sucessores dos apóstolos» e de «cada um dos cristãos, se for enviado». Portanto, antes de tudo, «a vida cristã é abrir caminho, sempre. Não permanecer parado». E neste ir, que recomenda o Senhor aos seus? «Curai os enfermos, pregai dizendo que o reino dos céus está próximo, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos, expulsai os demónios». Isto é: «uma vida de serviço».

Eis o primeiro dado fundamental evidenciado pelo Pontífice: «A vida cristã consiste em servir». E é muito triste, acrescentou, ver «cristãos que no começo da sua conversão ou da sua consciência de serem cristãos, servem, estão abertos ao serviço, servem o povo de Deus», e depois, ao contrário, «acabam por se servir do povo de Deus. Isto faz muito mal, muito mal ao povo de Deus». Por conseguinte, a vocação do cristão é «servir», nunca «servir-se de».

Prosseguindo a reflexão, Francisco passou para um conceito que, frisou, «vai precisamente ao núcleo da salvação: “Gratuitamente recebestes, gratuitamente dai”. A vida cristã é uma vida de gratuidade». A partir da recomendação de Jesus aos apóstolos enviados compreende-se claramente que «a salvação não se compra; a salvação é-nos dada gratuitamente. Deus salvou-nos, salva-nos grátis. Não nos faz pagar». Trata-se, explicou o Papa,

de um princípio «que Deus usou connosco» e que devemos usar «com os outros». E é «um dos aspetos mais bonitos» saber «que o Senhor tem muitos dons para nos conceder» e que ao homem pede uma só coisa: «que o nosso coração se abra». Como na oração do Pai-Nosso, na qual «rezamos, abrimos o coração, para que venha esta gratuidade. Não há relação com Deus fora da gratuidade».

Considerando esta base da vida cristã, o Pontífice evidenciou algumas possibilidades e incompreensões perigosas. Assim, afirmou, «algumas vezes, quando temos necessidade de algo espiritual ou de uma graça, dizemos: “Mas, agora farei jejum, uma penitência, uma novena...”». Tudo isto está bem, mas «fiquemos atentos: isto não é para “pagar” a graça, para “comprar” a graça; isto serve para alargar o teu coração para que chegue a graça». De facto, fique claro: «A Graça é gratuita. Todos os bens de Deus são gratuitos. O problema é que o coração se encolhe, se fecha e não é capaz de receber tanto amor, tanto amor gratuito». Portanto «tudo o que fazemos para obter algo, até uma promessa — “se obtiver isto, farei aquilo” — isto é alargar o coração, não é comercializar com Deus... Não. Com Deus não se negocia». Com Deus vale «só a linguagem do amor, do Pai e da gratuidade».

E se isto é válido na relação com Deus, vale também para os cristãos — «Gratuitamente recebestes, gratuitamente dai» — e, frisou Francisco, especialmente para os «pastores da Igreja». A graça «não se vende» reiterou, acrescentando: «Faz muito mal quando se encontram pastores que negociam com a graça de Deus: “Farei isto, mas isto custa tanto, aquilo tanto...”». E a graça de Deus permanece lá e a salvação é um negócio». Tudo isto, afirmou com vigor, «não é o Senhor. A graça do Senhor é gratuita e debes concedê-la de graça». Infelizmente, explicou, na vida espiritual existe «sempre o perigo de escorregar no pagamento, sempre, até falando com o Senhor, como se quiséssemos dar uma propina ao Senhor». Mas a relação com o Senhor não pode percorrer «aquele caminho».

Portanto, reiterou o Pontífice, não às dinâmicas deste tipo: «Senhor se tu fizeres isto, dar-te-ei aquilo»; mas, eventualmente, sim a uma promessa a fim de que ela alargue o próprio coração «para receber» o que «é gratuito

para nós». E «esta relação de gratuidade com Deus ajudar-nos-á depois a experimentá-la com os outros quer no testemunho cristão quer no serviço cristão e na vida pastoral de quantos são pastores do povo de Deus».

«Abrir caminhos»: assim o Papa, no final da homilia resumiu o seu raciocínio». «A vida cristã — disse — é ir. Pregai, servi, não “vos servis de”. Servi e ofereci grátis o que grátis recebestes». Concluindo: «A nossa vida de santidade seja este alargar o coração, para que a gratuidade de Deus, as graças de Deus que estão nela, gratuitas, que Ele deseja doar, possam chegar ao nosso coração».

---

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana